

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ÉVELIN DA ROSA

**A HISTÓRIA ORAL COMO AGENTE DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DOS
ANTIGOS CINEMAS DE SÃO BORJA-RS**

**São Borja
2025**

ÉVELIN DA ROSA

**A HISTÓRIA ORAL COMO AGENTE DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DOS
ANTIGOS CINEMAS DE SÃO BORJA-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências
Humanas da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciatura em
Ciências Humanas

Orientador: Muriel Pinto

**São Borja
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

d788h da Rosa, Évelin

A História Oral como Agente de Preservação da Memória
dos Antigos Cinemas de São Borja-RS / Évelin da Rosa.

72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) --Universidade
Federal do Pampa, CIÊNCIAS HUMANAS, 2025.

"Orientação: Muriel Pinto".

1. São-Borja. 2. Cinema. 3. Memória Coletiva.
4.História Oral. 5. Cultura. I. Título.

ÉVELIN DA ROSA

**A HISTÓRIA ORAL COMO AGENTE DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DOS ANTIGOS
CINEMAS DE SÃO BORJA-RS**


Trabalho de Conclusão de Curso defendido e apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de dezembro de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Muriel Pinto
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dr. Anderson Romário Pereira Corrêa
UNIPAMPA

 Documento assinado digitalmente
RODRIGO FERREIRA MAURER
Data: 15/12/2025 12:46:12 -0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo Ferreira Maurer
35ª CRE



Assinado eletronicamente por **MURIEL PINTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/12/2025, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ANDERSON ROMARIO PEREIRA CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2025, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1910219** e o código CRC **2FA4AF14**.

Dedico este trabalho à minha avó Maria Ester (*in memoriam*) e ao meu avô Omar (*in memoriam*).

AGRADECIMENTO

Há várias pessoas a quem desejo expressar gratidão pelo apoio, incentivo e acolhimento ao longo dessa trajetória que me trouxe até a presente etapa de minha formação acadêmica. Agradeço primeiramente à minha mãe por me ensinar, desde muito cedo, o valor dos estudos, do conhecimento e da educação como caminhos de transformação. Seu exemplo, dedicação e compromisso com o ensino despertaram em mim o apreço pelo saber e posteriormente pela docência.

Ao meu companheiro, Maike, agradeço por ser meu maior incentivador ao longo dessa caminhada. Sou grata pela paciência, pela compreensão e por dividir comigo o peso das dificuldades, transformando o que era fardo em caminho possível.

Agradeço ao professor Muriel Pinto pela orientação durante o desenvolvimento deste trabalho, assim como aos professores Rodrigo Maurer e Anderson Correa pelas contribuições realizadas.

Ao Toninho, agradeço pela disponibilidade constante, pelos conselhos e pelas ideias compartilhadas ao longo dessa jornada, sempre se mostrando solícito e disposto a contribuir não só com este trabalho, mas para além dele.

A cada um dos cinco entrevistados, manifesto minha gratidão pela confiança depositada e pela generosidade em compartilhar suas histórias e vivências.

Agradeço ao Clóvis Benevenuto e ao Cesar Tatsch pela gentileza e disponibilidade em compartilhar arquivos pessoais, que contribuíram de forma significativa para o enriquecimento desta pesquisa. Da mesma forma, registro meu agradecimento aos colaboradores da Biblioteca Municipal de São Borja, pela atenção, receptividade e apoio durante a realização deste trabalho.

“Temos de acabar com os silêncios. Dos outros e de nós mesmos. E por essa necessidade da ruptura do silêncio, reivindico que a História é diálogo”.

– Mercedes Vilanova

RESUMO

Na década de 1970, a cidade de São Borja chegou a possuir quatro cinemas funcionando simultaneamente, os quais movimentavam a vida social e cultural da comunidade. No entanto, após décadas do fechamento da última dessas salas, quase nada restou em termos materiais e documentais, sendo os jornais da época e o relato dos próprios frequentadores as principais fontes de consulta na reconstrução da história dos cinemas em São Borja. Da falta de preservação desse passado histórico resulta um desconhecimento sobre a existências desses cinemas por gerações nascidas após o seu declínio. A presente pesquisa tem como objetivo resgatar a história dos antigos cinemas de São Borja a partir dos relatos orais dos frequentadores e trabalhadores desses espaços, de modo que seja elaborado um compilado de memórias como forma de preservar a história e destacar a importância desses locais. Os resultados indicam que os cinemas constituíam um dos principais pontos de encontro da comunidade, especialmente entre jovens, que ali realizavam práticas como a troca de gibis, a construção de amizades e o compartilhamento de experiências afetivas. Observou-se que o declínio das salas foi provocado por um conjunto de fatores interligados, como o advento da televisão, a chegada das videolocadoras, mudanças nos hábitos de lazer, questões de segurança e desafios econômicos. Além disso, as narrativas revelam forte teor nostálgico, articulando lembranças afetivas de convivência comunitária e crítica às transformações modernas que alteraram o modo de viver a cidade. Por fim, o estudo evidencia a ausência de políticas de memória voltadas à preservação desse passado, reforçando a importância de registrar e valorizar essas histórias antes que se percam com o tempo.

Palavras-Chave: São-Borja; Cinema; Memória Coletiva; História Oral; Cultura.

RESUMEN

En la década de 1970, la ciudad de São Borja llegó a tener cuatro cines funcionando simultáneamente, los cuales dinamizaban intensamente la vida social y cultural de la comunidad. Sin embargo, después de décadas del cierre de la última de estas salas, casi nada quedó en términos materiales y documentales, siendo los periódicos de la época y los relatos de los propios asistentes las principales fuentes para la reconstrucción de la historia de los cines en São Borja. La falta de preservación de este pasado histórico contribuye al desconocimiento, por parte de las generaciones posteriores, sobre la existencia de estos espacios culturales. La presente investigación tiene como objetivo rescatar la historia de los antiguos cines de la ciudad a partir de relatos orales de asistentes y trabajadores, con el fin de desarrollar un compilado de memorias que permita preservar esta historia y destacar la relevancia de estos lugares. Los resultados indican que los cines eran importantes puntos de encuentro de la comunidad, especialmente entre los jóvenes, quienes realizaban allí prácticas como el intercambio de historietas, la construcción de amistades y el compartir de experiencias afectivas. Se observó que el declive de las salas se debió a un conjunto de factores interrelacionados, como el advenimiento de la televisión, la llegada de los videoclubes, los cambios en los hábitos de ocio, cuestiones de seguridad y desafíos económicos. Además, las narrativas revelan un fuerte tono nostálgico, articulando recuerdos afectivos de convivencia comunitaria y críticas a las transformaciones modernas que modificaron la forma de vivir la ciudad. Por fin, el estudio evidencia la ausencia de políticas de memoria orientadas a la preservación de este pasado, reforzando la importancia de registrar y valorar estas historias antes de que se pierdan con el tiempo.

Palabras clave: São Borja; Cine; Memoria Colectiva; Historia Oral; Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia do antigo Cine Teatro Municipal.....	23
Figura 2 – Fragmento do Jornal Uruguai (1930).....	23
Figura 3 – Fragmento do Jornal Uruguai (1932).....	24
Figura 4 – Fotografia do antigo Cinema Variedades após fechamento.....	25
Figura 5 – Fragmento do Jornal de São Borja (1953).....	25
Figura 6 – Fotografia do antigo Cinema Vitória.....	26
Figura 7 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1980).....	27
Figura 8 – Fotografia do antigo Cinema Presidente após seu fechamento.....	27
Figura 9 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1972).....	28
Figura 10 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1972).....	28
Figura 11 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1977).....	29
Figura 12 – Fragmento do Jornal 7 dias (1964).....	30
Figura 13 – Fragmento do Jornal 7 dias (1965).....	30
Figura 14 – Fragmento do Jornal 7 dias (1965).....	30
Figura 15 – Fragmento de jornal sem identificação (1979).....	31
Figura 16 – Fragmento de Jornal Folha de São Borja (1979).....	32
Figura 17 – Fragmento de jornal sem identificação.....	33
Figura 18 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1980).....	35
Figura 19 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1972).....	36
Figura 20 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja.....	37
Figura 21 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1972).....	38
Figura 22 – Fragmento do Jornal Folha de São Borja (1983).....	39
Figura 23 – Fragmento de Jornal Folha de São Borja (1983).....	40
Figura 24 – Fragmento de Jornal Folha de São Borja.....	42
Figura 25 – Antigo projetor usado nos cinemas Municipal e Presidente:.....	44
Figura 26 – João das Balas posando para fotografia na Praça XV de Novembro.....	58
Figura 27 – Fragmento de Jornal Diário de Notícias (1975).....	63

LISTA DE ABREVIATURAS

n.	número
p.	página
f.	folha
cap.	capítulo
v.	volume
org.	organizador
coord.	coordenador
col.	colaborador

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO HISTORIOGRÁFICO: FRAGILIDADES E POTENCIALIDADES.....	15
2.1 Memória, História e Identidade.....	18
3. METODOLOGIA.....	20
4. BREVE HISTÓRIA DOS ANTIGOS CINEMAS DE SÃO BORJA.....	22
5. O CINEMA NOS JORNAIS: NARRATIVAS E DISCURSOS.....	29
6. ENTREVISTAS.....	43
6.1 Entrevista 1.....	43
6.2 Entrevista 2.....	45
6.3 Entrevista 3.....	48
6.4 Entrevista 4.....	52
6.5 Entrevista 5.....	56
7. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	62
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	70

1. INTRODUÇÃO

São Borja (RS) carrega um enorme peso histórico, em virtude, sobretudo, de suas batalhas e figuras políticas que marcaram a história do Brasil. Entretanto, para além dos aspectos macro-históricos, existe uma população que necessita ter sua história e memória preservadas a fim de que, sua própria identidade seja reafirmada ao longo do tempo. Nesse contexto, insere-se a presente pesquisa dedicada a investigar os antigos cinemas de São Borja entre as décadas de 1930 a 1990, como espaços de memória, sociabilidade e cultura – principalmente através do método da história oral – em um período onde as opções de lazer eram restritas e os meios de comunicação ainda limitados.

Para atingir tal objetivo, o estudo apoia-se em diferentes fontes, como no acervo de jornais da Biblioteca Municipal de São Borja, fotografias de acervos pessoais e entrevistas realizadas com antigos moradores da cidade. Dessa forma, o estudo ao analisar o modo como as experiências são ressignificadas nas narrativas de quem viveu tais eventos, revela percepções e representações que entrelaçam memória e identidade, respondendo a problemática da pesquisa: Como as memórias vivas de São Borja recordam e representam as atividades dos cinemas locais e o processo de encerramento dessas atividades no município?

O objetivo geral consiste em reunir memórias sobre os antigos cinemas de São Borja a partir de relatos orais e fontes documentais, como forma de contribuir para a preservação da memória e cultura associadas a esses espaços. Dentro desse escopo, reúnem-se uma série de elementos e indagações que, ao serem resgatados, podem responder ao problema de pesquisa e contribuir para o alcance do objetivo geral. A partir dessas considerações, estruturam-se os seguintes objetivos específicos: Compreender a relação da população com os cinemas que existiam; levantar fotografias históricas e discursos em jornais de época sobre os cinemas locais; e analisar discursos¹ e narrativas dos frequentadores sobre os cinemas e o processo de encerramento de suas atividades.

A presente pesquisa está dividida em seis capítulos. O primeiro discute a história oral como método historiográfico essencial para acessar experiências que

¹ De acordo com Orlandi (2005, p.15) “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se”.

não aparecem nos registros escritos. Nessa sessão ainda há um subtópico discutindo como as memórias são construídas, preservadas e compartilhadas, explorando como a memória coletiva e as lembranças individuais se articulam na construção das identidades locais. O segundo capítulo detalha o processo metodológico do estudo, descrevendo a partir de quais métodos, fontes e técnicas de coleta e análise de depoimentos a pesquisa está fundamentada.

Na sessão seguinte é apresentado um panorama histórico das antigas salas de exibição cinematográficas da cidade. Nele são descritos o *Cine Teatro Municipal* – também chamado de *Cinema Municipal* – o *Cinema Variedades*, o *Cinema Vitória* e o *Cinema Presidente*, destacando suas particularidades, funcionamento e relevância sociocultural. No quarto capítulo é exposta a análise dos fragmentos dos jornais locais que registraram tanto o cotidiano das sessões dos cinemas quanto do seu encerramento.

No quinto capítulo são apresentadas as entrevistas com os antigos frequentadores e trabalhadores dos cinemas, organizadas em formato narrativo com o intuito de aproximar o leitor da atmosfera da época e reproduzir o modo como essas histórias foram contadas e vividas. O sexto capítulo, por sua vez, dedica-se à análise discursiva dessas narrativas, identificando os principais temas emergentes, como sociabilidade, práticas de lazer, modernização tecnológica, declínio das salas e nostalgia. Por fim, retoma-se a discussão articulando os elementos levantados ao longo do estudo, refletindo sobre a importância de preservar a memória desses lugares, bem como o papel que eles desempenham na compreensão da história cultural de São Borja.

2. A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO HISTORIOGRÁFICO: FRAGILIDADES E POTENCIALIDADES

Olhar para o passado e buscar compreender de que modo os acontecimentos se sucederam da maneira mais fiel possível é uma tarefa complexa, uma vez que a história não é objetiva. Por muito tempo acreditou-se que somente as fontes documentais e sua análise a partir de uma série de procedimentos permitiriam ao historiador interpretar o passado de um modo científico. Essa ótica arquivística, acreditava que um dado evento somente poderia ser um elemento de estudo histórico quando, passado um longo período, fossem arquivados e catalogados.

Indo na contramão da historiografia que confere centralidade aos documentos escritos, emerge a história oral. Como o próprio nome indica, este método utiliza relatos orais coletados, sobretudo por meio de entrevistas, como base para pesquisas que buscam elucidar um acontecimento ou uma conjuntura a partir dos testemunhos de quem vivenciou determinado momento histórico. A história oral, a depender do projeto de pesquisa e dos objetivos que se pretende atingir, “pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados” (Alberti, 2005). No caso da presente pesquisa, ela é o método a ser utilizado, haja vista que ela é estruturante e define o caminho e os meios que o estudo irá seguir para atingir seus objetivos. Como por exemplo, a utilização das fontes orais através da técnica de entrevistas.

A característica principal da história oral é a importância que é dada aos relatos orais. A utilização desse tipo de fonte pode ser tanto como uma forma de compreender o desenvolvimento histórico a partir de uma variedade de vivências e pontos de vista, bem como, utilizado e interpretado “como relatos a respeito de fatos não registrados por outra documentação ou, ainda, como uma complementação a registros considerados não suficientes para o que se deseja investigar” (Santos e Araújo, 2007, p.192).

O uso das fontes orais foi criticado por historiadores clássicos devido a sua subjetividade que a descredibilizaria enquanto fonte de informação. Uma vez que ela depende da memória do entrevistado – produto do desenvolvimento histórico-pessoal do mesmo – e por essa razão, estaria sendo submetida a imprecisões. Sobre essa fragilidade do relato oral, o historiador Philippe Joutard (2000) argumenta que compete ao pesquisador ter consciência das limitações que a fonte oral possui em decorrência da memória e sua capacidade de esquecimento, deformações e equívocos, mas que também deve ver nessa fragilidade, uma possibilidade de potencializar a análise. Segundo o autor, as falhas na exatidão das informações não devem ser encaradas como uma deficiência da história oral, pois distorções e omissões, sejam elas voluntárias ou não, nos mostram um mundo de representações da realidade que todo indivíduo faz e que guia, muitas vezes, mais do que o próprio real.

Diante da problemática da confiabilidade das informações obtidas através do relato oral, Portelli (1997, p.32) apresenta qual seria a credibilidade e importância desse tipo de fonte:

Fontes orais são aceitáveis mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há falsas fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta na verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis.

Conforme argumenta Alberti (2005), a história oral não busca relatar a história tal como ela sucedeu, mas de que modo ela foi apreendida e interpretada pelos indivíduos e grupos que experienciaram determinado tempo histórico. Aqui importa ao historiador muito mais que a identificação de mentiras repetidas, compreender porque diversos atores estão a reproduzindo e qual a importância dessa mentira dentro de determinado grupo ou conjuntura (Camargo, 1994). Nesse sentido, como apontado por Portelli (1997, p.31), “fontes orais contam-nos não apenas o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”.

A história oral possui grande importância não somente pela sua capacidade de ver o passado a partir do seu resultado no presente – memórias vivas – mas sobretudo por trazer para o centro do debate pessoas, grupos e comunidades muitas vezes marginalizadas, cujas vozes dificilmente seriam ouvidas. Por essa razão a oralidade assume nessa metodologia uma função democratizadora, pois apesar de os grandes avanços tecnológicos das últimas décadas terem alcançado uma parte considerável da população e, em certa medida, terem expandido o acesso e a propagação das informações, há uma parcela que não sabe ler nem manejar um dispositivo celular ou computador. Isto é, se encontram marginalizados na esfera pública. Segundo Portelli (2010), o que a história oral faz é utilizar um meio que é comum a todos – a oralidade – e partir disso fazer com que essas vozes sejam ouvidas e levadas para dentro do discurso público. Por fim, como explicitado pela socióloga Aspásia Camargo (1994), a História Oral é importante para discutir os esquecidos não por preferência moral, mas porque é a única maneira de acessar aquilo que nunca foi documentado.

A entrevista é o momento chave para a pesquisa, uma vez que é quando o pesquisador tem contato com o narrador/entrevistado que detém dentro de si as informações que ajudarão a construir e atingir os objetivos postos. Conforme apontado por Santos e Araújo (2007), é crucial que nesse momento seja criado um clima de confiança e respeito para que o entrevistado se sinta confortável para narrar seus relatos, sendo de suma importância a demonstração de interesse pelo que está sendo narrado, bem como, dentro do possível tornar a entrevista o menos formal possível para que haja um ambiente mais favorável para a expressividade do entrevistado. Além disso, o entrevistador deve estar atento e ter uma certa sensibilidade com as diferentes formas de comunicação e interação definidas pelas condicionantes de gênero, classe, raça, idade, sexualidade, deficiências, etc (Thomson, 2000).

O processo da entrevista é composto por três partes, sendo a pesquisa/preparação do roteiro de perguntas, o diálogo com o entrevistado e, por fim, a transcrição do áudio. Importante destacar as dimensões referentes às últimas duas etapas respectivamente: a do diálogo, no qual a ética de entrevista deve estar orientada pelo desejo autêntico de conhecer o outro, se colocando numa posição de aprendizagem, haja vista que o entrevistado é quem detém o conhecimento que o pesquisador deseja obter; e a responsabilidade do entrevistador com as palavras que herda deste diálogo, isto é, saber que o entrevistado confiou a ele sua voz, suas palavras e memórias, e é dever do pesquisador apresentar isso de forma que exprima a linguagem e a subjetividade do mesmo (Portelli, 2010). Sobre a dimensão do diálogo, Camargo (1994) destaca que ela é acompanhada de um grau de emotividade, mas que essa não necessariamente é prejudicial, contanto que o entrevistador não seja possuído por ela, pode contribuir para uma aproximação com o objeto, ajudando a desvendá-lo.

2.1 Memória, História e Identidade

Paul Thompson (1992) afirma que a história oral, ao exercer a função de coletar depoimentos individuais, apresenta potencialidades metodológicas e cognitivas como recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões. Nesse sentido, tem-se a memória como principal fonte da história oral, uma vez que, os sujeitos,

para organizar suas ideias relacionadas a um tempo/espaco específico, necessita voltar-se para dentro de si a fim de resgatar o passado e trazê-lo para o presente em forma de história oral com o intuito de compartilhá-la.

Michael Pollak (1992) explica que a memória é constituída, principalmente, por três elementos: acontecimentos, personagens e locais. O autor argumenta que os acontecimentos podem ser tanto vividos individualmente – experiência direta marcada por emoções e percepções – quanto herdadas ou transmitidas por meio do grupo de pertencimento (família, comunidade, região, classe, geração). Pollak aponta que as lembranças se ancoram também em figuras simbólicas (personagens, líderes, artistas, familiares) e em lugares concretos ou imaginados que se tornam suportes de recordação. Esses “lugares de memória” ajudam a sustentar o sentimento de pertencimento coletivo.

Conforme argumenta o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) em sua célebre obra *A memória coletiva*, a memória é individual na forma, mas social em sua substância. Para o autor, lembrar é um ato coletivo de reconstrução, fundamentado no que ele chama de “quadros sociais da memória” – símbolos, valores e referências culturais – definido como estruturas coletivas que sustentam e organizam as lembranças individuais. Nesse sentido, mesmo que cada indivíduo tenha lembranças diferentes, todos se apoiam em referências coletivas compartilhadas. Ainda nessa perspectiva, segundo o autor a memória coletiva se organiza de forma hierárquica, sendo as lembranças mais centrais aquelas que dizem respeito ao maior número de pessoas – são os eventos, símbolos ou experiências que fortalecem a coesão e definem a identidade do grupo – enquanto que aquelas que se referem a um ou a poucos indivíduos de um grupo ficam em segundo plano. Portanto, Halbwachs evidencia que a memória coletiva seleciona, hierarquiza e privilegia o que é socialmente relevante para a coesão do grupo.

O historiador francês Jacques Le Goff (1990), em seu clássico livro *História e Memória*, dialoga diretamente com a ideia de Halbwachs de que lembrar nunca é um ato puramente individual, a memória pessoal está sempre atravessada pela coletividade, isto é, por grupos, instituições e símbolos coletivos que cercam a todos. Não o bastante, o autor vai além ao trazer para o debate a dimensão histórica e política da memória, na qual ele aponta que a passagem do modo de transmitir e conservar o passado das sociedades orais para a sociedade baseada na escrita, representou uma transformação da memória: o que antes era transmitido pela voz e

pela lembrança, agora é guardado em suportes físicos (livros, monumentos, museus etc), sob controle de instituições. Le Goff aponta que o Estado se apropria da memória coletiva ao decidir o que será preservado e como será lembrado, definindo as versões “oficiais” da história, ou seja, a memória não é neutra, ela é selecionada e organizada por poderes sociais e políticos, dentro de uma disputa simbólica pelo que será lembrado ou apagado. Aproximando ainda mais o debate para os tempos atuais, Le Goff antecipa o que hoje chama-se de sociedade da informação, ao evidenciar que “as direções atuais da memória estão pois profundamente ligadas às novas técnicas de cálculo, de manipulação da informação, do uso de máquinas e instrumentos cada vez mais complexos” (1990, p.419).

Lucilia Delgado (2003) destaca a relação entre a História e a memória, ressaltando que são dimensões complementares e tensionadas. O tensionamento é causado justamente pela essência e propósito de cada um; se por um lado a História busca um certo grau de objetividade, analisando o passado de forma crítica e sistematizada a partir de métodos e fontes, a memória por sua vez é dotada de emotividade, e busca preservar e manter viva a experiência humana. No entanto, ambas se complementam, a memória alimenta a história com a experiência e os sentidos humanos, enquanto que a história protege a memória do esquecimento e do mito. Nas palavras da autora, “tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato comum: são antídotos do esquecimento.”

Segundo Portelli (2000), a memória não deve ser vista apenas como preservação de informações, mas também como resistência e como algo que está em constante movimento, sendo reinterpretado e ressignificado constantemente por grupos que disputam as versões oficiais da história.

3. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos, a presente pesquisa tem como base a metodologia qualitativa, que visa compreender a partir de um estudo aprofundado baseado em um número reduzido de casos, as dinâmicas por trás de processos e estruturas sociais (Alonso, 2016). Essa metodologia é comumente utilizada nas ciências sociais, onde a compreensão das experiências humanas é fundamental. Haja vista que a pesquisa visa abordar a relação dos residentes de São Borja com as salas de cinema locais da cidade, buscar-se-á apoio nos métodos e técnicas que auxiliem na

captação das experiências, valores e atitudes dos indivíduos que vivenciaram esses espaços no município.

Assim, entende-se que a técnica mais adequada para a presente pesquisa são as entrevistas, as quais permitirão que sejam acessadas informações que nos revelarão a interpretação que os agentes sociais produziram de sua própria situação (Alonso, 2016). A entrevista constitui uma das principais técnicas de coleta de dados no campo das ciências humanas e sociais, podendo ela ser definida como “[...] uma conversa que pode ser mais ou menos sistemática, cujo objetivo é obter, recuperar e registrar as experiências de vida guardadas na memória das pessoas” (Lima, 2016, p.26). Dessa forma, a memória se torna um elemento central na pesquisa, pois é a partir de sua evocação que serão reveladas as respostas para as perguntas suscitadas a partir dos objetivos aqui postos. Esse movimento de evocação do passado é entendido pela escritora e filósofa brasileira Marilena Chaui como “a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (1995, p. 158).

As entrevistas serão semi estruturadas, conduzidas com antigos moradores que vivenciaram o período de funcionamento dos cinemas locais. O número de entrevistados não será previamente fixado, respeitando o princípio da saturação do conteúdo, isto é, as entrevistas serão realizadas até que as narrativas comecem a apresentar recorrências temáticas e discursivas, conforme propõe Alberti (2005). As falas serão gravadas em áudio, mediante autorização prévia dos participantes, e posteriormente transcritas e analisadas. Além das entrevistas, a pesquisa recorrerá a fontes documentais, especialmente jornais e fotografias que constam a presença do tema. Esses materiais funcionarão como complementos visuais e textuais às narrativas orais

Para o desenvolvimento do trabalho, será utilizada como método de construção de dados, a história oral. Segundo Delgado (2007) “A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões” (p.15). Nesse sentido, a história oral portanto é envolvida pelas lembranças, imagens, documentos escritos – entre outros – que facilitam no processo dos testemunhos. Conforme aponta Alonso (2016), deste método resulta o delineamento de uma série de depoimentos de pessoas que vivenciaram determinada época/acontecimento, e que formam,

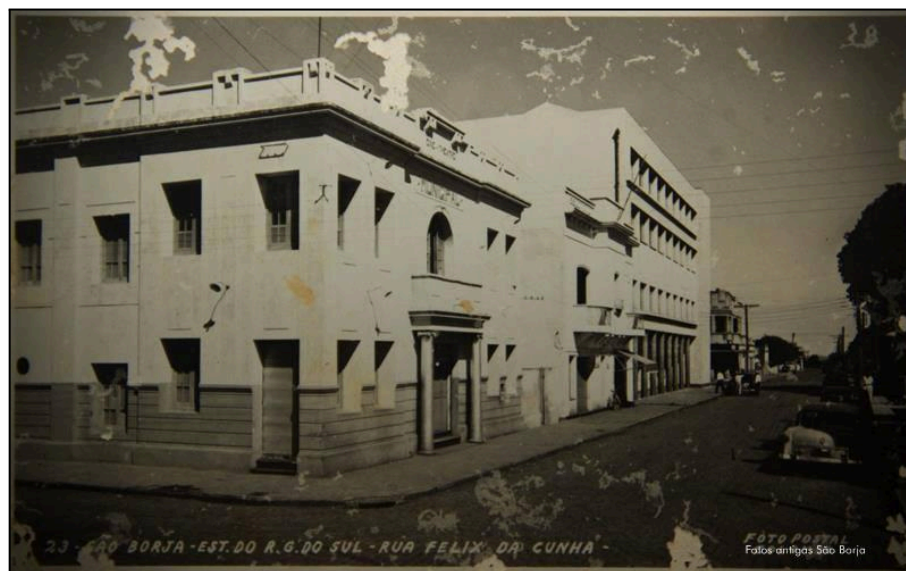
assim, um conjunto de experiências comuns, transformando a entrevista em um dado/fonte oral. Nesse mesmo horizonte, Alberti (2005) define a história oral como um método de investigação científica que busca registrar e interpretar as narrativas de indivíduos sobre acontecimentos e processos históricos, constituindo tanto uma técnica de coleta quanto um modo de compreender a relação entre memória e história.

A fim de delimitar mais, destaca-se que esse estudo tem como base o método da história oral de cunho temático, em que as entrevistas giram em torno de um tema preestabelecido. Nesse caso, as experiências relacionadas ao período de funcionamento dos antigos cinemas da cidade de São Borja. Dessa forma, os aspectos da vida pessoal dos entrevistados só adquirem relevância quando se relacionam com o eixo temático da pesquisa. Assim, “a História Oral temática preocupa-se, portanto, com temas específicos e busca, na versão do narrador/entrevistado, rememorar sua vivência, possibilitando investigar e analisar as experiências e as trajetórias” (Santos e Araújo, 2007, p.197).

4. BREVE HISTÓRIA DOS ANTIGOS CINEMAS DE SÃO BORJA

De modo geral, ao tratar da história dos antigos cinemas da cidade, é difícil estabelecer datas exatas, levando em consideração que muitas informações já se perderam com o tempo – como, por exemplo, registros mais detalhados sobre as sessões de cinema mudo ao livre realizadas no início do século XX. Diante deste fato, a pesquisa baseia-se em matérias publicadas nos jornais locais da época, bem como na própria história oral transmitida pelos entrevistados. Destaca-se a importância de preservar os antigos jornais impressos, considerando que sua conservação é essencial para a realização de futuras investigações no campo da História de São Borja.

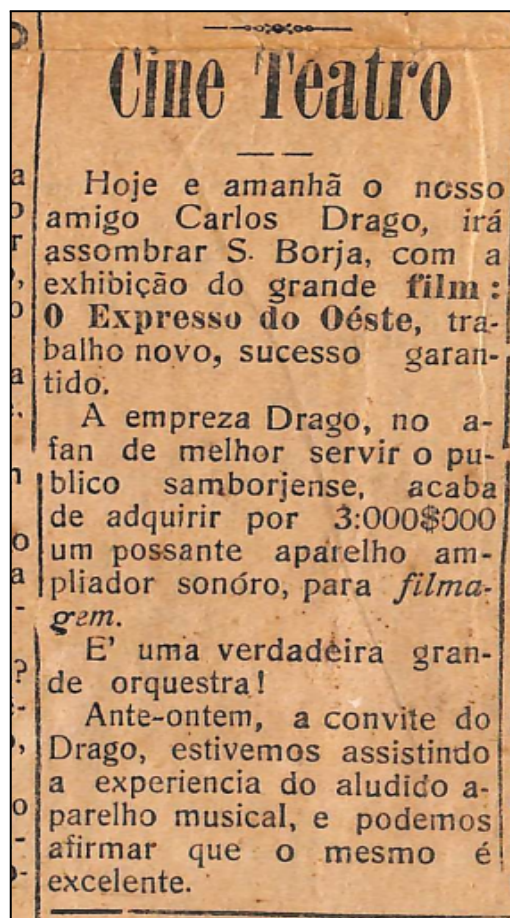
Os registros mais antigos encontrados referentes à exibição de filmes em São Borja datam a década de 1930 e fazem menção ao *Cine Teatro Municipal*, conhecido também como *Cinema Municipal*:

Figura 1 – Fotografia do antigo *Cine Teatro Municipal*

Fonte: Acervo pessoal Cesar Tatsch.

Figura 2 – Fragmento do *Jornal Uruguai* (1930)

Fonte: Acervo pessoal Clovis Benevenuto.

Figura 3 – Fragmento do *Jornal Uruguai* (1932)

Fonte: Arquivo pessoal Clovis Benevenuto.

Dessa forma, compreende-se que o primeiro cinema fixo da cidade foi o *Cine Teatro Municipal*, tendo iniciado suas atividades aproximadamente na década de 1930. Localizado onde atualmente se encontra a Câmara de Vereadores, esse cinema tornou-se um importante ponto de referência cultural e social para a população são-borjense.

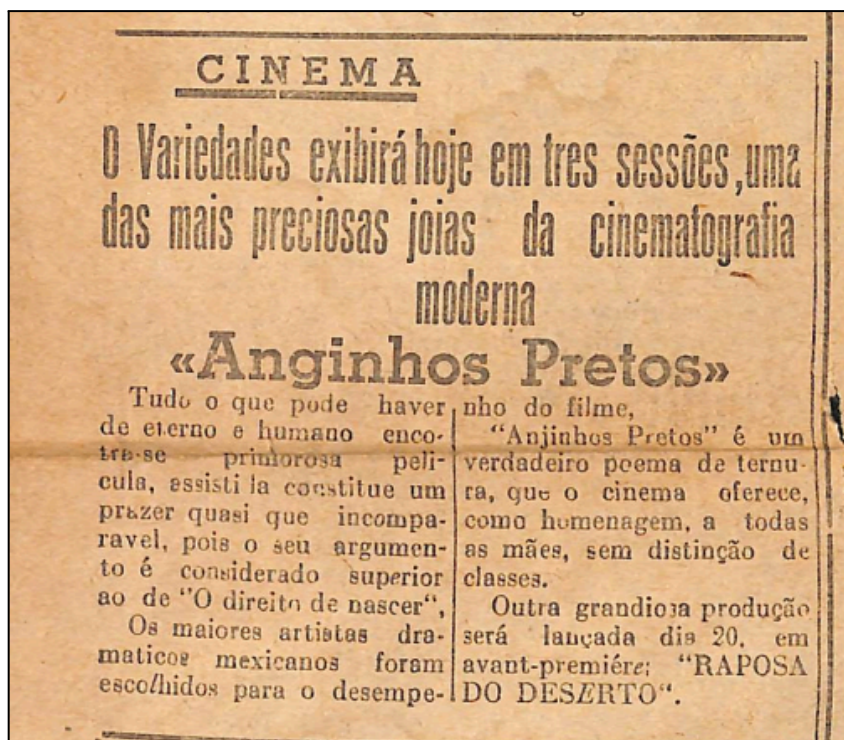
O *Cinema Variedades*, por sua vez, ficava localizado na Rua Cândido Falcão. Diversas vezes lembrado pelos entrevistados por suas matinês de domingo, atreladas às trocas de gibis na fila da entrada. Esse cinema perdurou por muitos anos, estimando-se o início de suas atividades na década de 1940 e o término no início da década de 1980. Atualmente há um comércio no local, o qual ainda mantém preservado a fachada com o nome do antigo cinema.

Figura 4 – Fotografia do antigo *Cinema Variedades* após fechamento



Fonte: Página São Borja de outros tempos.

Figura 5 – Fragmento do *Jornal de São Borja* (1953)



Fonte: Arquivo pessoal Clovis Benevenuto.

Localizado no bairro do Passo, na rua Marechal Floriano Peixoto – em frente a Escola Estadual Técnica Olavo Bilac – existia o *Cinema Vitória*. Estima-se que suas atividades iniciaram na década de 1950 e encerraram-se na década de 1980. Com capacidade aproximada de 200 lugares, o cinema dos passianos² tornou-se muito popular, especialmente entre os moradores do bairro, e alcançou seu apogeu em meados da década de 1960.

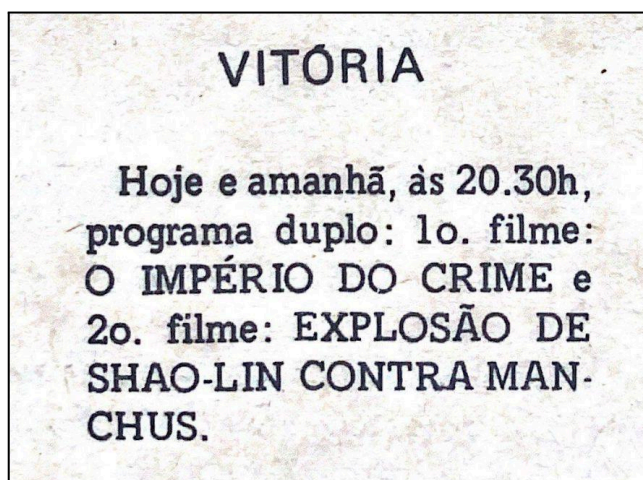
Figura 6 – Fotografia do antigo *Cinema Vitória*



Fonte: Acervo pessoal Cesar Tatsch.

² Nome pelo qual são historicamente chamados os moradores do bairro do Passo em São Borja-RS.

Figura 7 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1980)



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

O *Cinema Presidente* foi o último dos antigos cinemas de São Borja, iniciando suas atividades em 1972. Com sua inauguração, os demais cinemas da cidade passaram a ter um concorrente, pois o *Cinema Presidente* não pertencia ao mesmo proprietário dos outros cinemas ainda ativos. O empreendimento possuía em seu período inicial a capacidade para acomodar 500 pessoas e era dotado de poltronas estofadas, porém, o número de assentos foi diminuindo com o passar do tempo devido à queda de público. Ele funcionou na rua Eddie Freire Nunes, estimadamente até o final da década de 1980. Posteriormente, no início da década de 1990, reabre como Centro Cultural, encerrando suas atividades no final da mesma década.

Figura 8 – Fotografia do antigo *Cinema Presidente* após seu fechamento



Fonte: Acervo Dilhermano Messa.

Figura 9 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1972)

pedimento transacionarem com a...

CINE PRESIDENTE PARA BREVE — Encontram-se bastante adiantadas as obras do Cine Presidente, casa de espetáculos que terá o máximo de conforto para os apreciadores do cinema. A empresa Joaquim Macedo terá, muito breve, êsse forte concorrente — do que, talvez, resulta a melhoria da programação em nossa cidade. Arthur Freire Nunes, que gerenciará o novo cinema, está entusiasmado com o ritmo das obras e com o apóio que vem recebendo o seu empreendimento.

Fonte: Arquivo pessoal Clovis Benevenuto.

Figura 10 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1972)

Cine Presidente foi inaugurado e já está funcionando

Com a presença de autoridades e convidados, foi inaugurado na tarde de sexta-feira o Cine Presidente, empreendimento da firma A. Matteo & Cia Ltda.

A nova casa, que está situada à rua Ver. Eddie Freire Nunes, possui uma lotação inicial de 500 pessoas, e está dotada de poltronas estofadas e outros requisitos que a tornam destacada, entre as congê-

neres.

Desde sábado último está o novo cinema em funcionamento, e afluência do público tem sido grande, prestigiando assim a nova organização que surgiu no campo do entretenimento.

Na oportunidade da inauguração houve um coquetel, e dois documentários sobre São Borja foram apresentados.

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Figura 11 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1977)



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

5. O CINEMA NOS JORNAIS: NARRATIVAS E DISCURSOS

Diante dos fragmentos de jornais encontrados, pode-se observar que os registros de diferentes períodos permitem perceber as transformações acerca da temática na cidade. Tanto na forma como os jornais tratavam o tema, quanto na relação da população com esses espaços. Na década de 1930 as sessões apareciam nos jornais com sessões únicas – observa-se o item 4 – apesar de haver, por vezes, mais de um filme a ser exibido na mesma semana. Isso se modifica ao decorrer dos anos, onde ao analisar os fragmentos de jornais da década de 1960 as sessões já aparecem como duplas ou triplas. Outro aspecto interessante é que, a partir de 1960 as chamadas para as sessões de cinema passam a ocupar espaços de maior destaque nos jornais locais, de maneira a constar na primeira página. Tais informações sinalizam o crescimento da popularidade do setor em meio a comunidade por um longo período de tempo.

No que tange aos filmes exibidos, observa-se a forte presença de produções norte-americanas em uma grande diversidade de gêneros. Entre eles, destacam-se

as comédias românticas, as produções de aventura, os faroestes e os filmes de terror. A seguir, alguns exemplos de chamadas para o cinema datadas da década de 1960:

Figura 12 – Fragmento do *Jornal 7 dias* (1964)



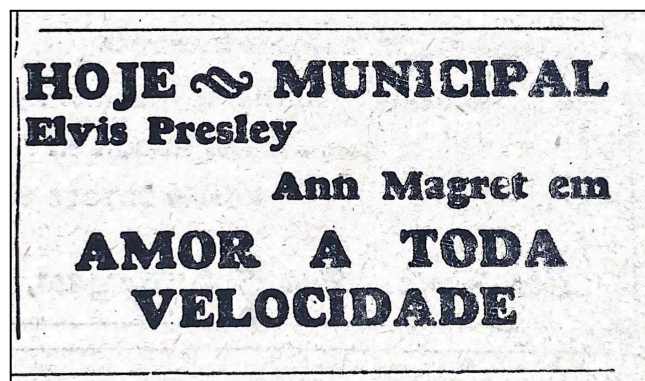
Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Figura 13 – Fragmento do *Jornal 7 dias* (1965)



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Figura 14 – Fragmento do *Jornal 7 dias* (1965)



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Além das chamadas para as sessões, foram encontrados fragmentos que abordam o fechamento do *Cinema Municipal*, que funcionava em um prédio arrendado de propriedade da prefeitura. Durante o decorrer desse evento, o tema teve grande repercussão, aparecendo nos jornais com atualizações sobre a situação que, ao se tornar cada vez mais tensa, levou até a uma especulação sobre o fechamento dos outros dois cinemas que São Borja dispunha ao final da década de 1970.

Figura 15 – Fragmento de jornal sem identificação (1979)

Em fevereiro Cinema Municipal pára. No seu lugar, a Câmara

A partir de fevereiro, o Cinema Municipal suspenderá suas atividades, para que a Secretaria de Obras Públicas da prefeitura faça as reformas iniciais no prédio, visando a transferência da sede da Câmara Municipal para aquele local já no segundo semestre deste ano. Desde 6 de dezembro último que venceu o prazo estabelecido pela municipalidade para desocupação do prédio, mas a empresa Joaquim Macedo, que explora a atividade cinematográfica, vem retardando a liberação.

O gerente do cinema, Silvio Drago, informou esta semana que impreterivelmente a casa de espetáculos terá que ser desocupada a partir de fevereiro, sob pena de a prefeitura en-

trar com uma ação de despejo.

Para evitar que isso aconteça, o proprietário da empresa, Joaquim Faria de Macedo, esta semana, procurou o prefeito João Carlos Escobar em Porto Alegre, tentando um acordo amistoso. Terça-feira, já deverão ser cancelados os pedidos de exibição cinematográfica para o Cine Municipal, até que lhe seja conseguido um outro local, inclusive com a possibilidade de que venha ser construído um novo prédio.

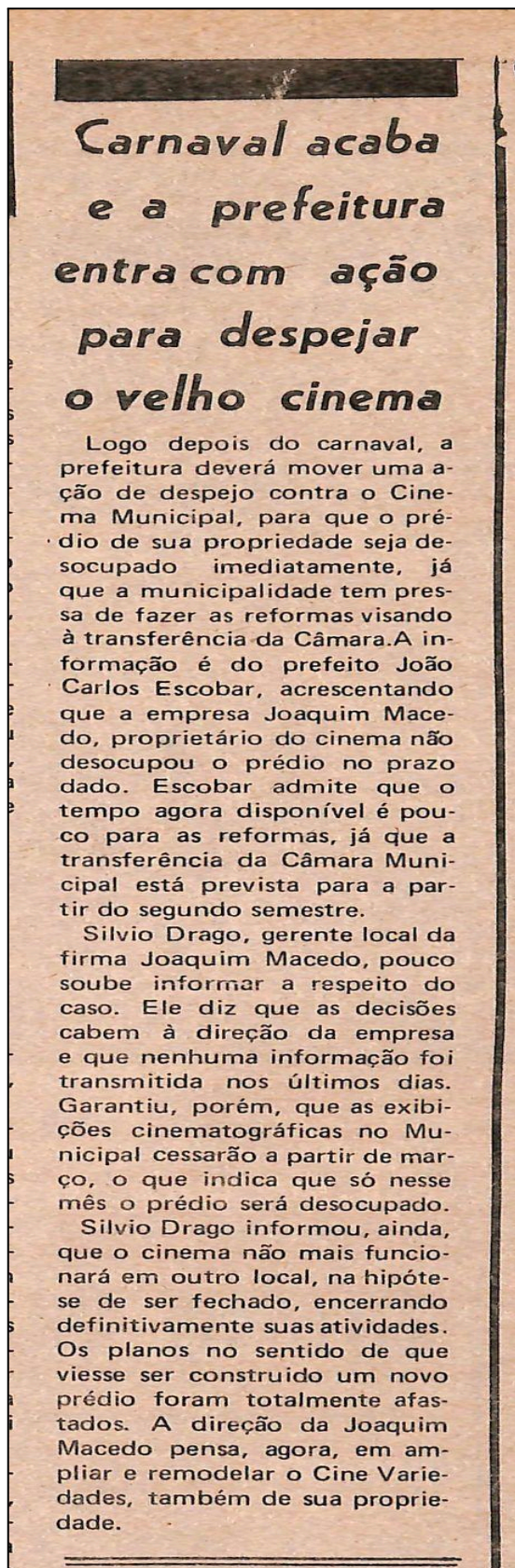
TRANSFERÊNCIA DA CÂMARA

A transferência da sede da Câmara Municipal deverá acontecer depois do mês de julho,

segundo informa o vereador José Francisco de Oliveira Freitas, membro da comissão que estuda a matéria no Legislativo. Para isso as reformas do prédio, o orçamento do município dispõe de recursos da ordem de Cr\$ 2 milhões, este ano, parte dos quais destina-se à primeira etapa de adaptações.

Na segunda etapa das reformas, está prevista a execução de um moderno projeto arquitetônico que dotará a sede do Legislativo, de excelentes condições de trabalho, inclusive com a construção de um amplo plenário para reuniões não só da Câmara, salas para secretaria e no segundo pavimento dependências para as bancadas.

Fonte: Arquivo pessoal Clovis Benevenuto.

Figura 16 – Fragmento de *Jornal Folha de São Borja* (1979)

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Figura 17 – Fragmento de jornal sem identificação



Fonte: Arquivo pessoal Clovis Benevenuto.

É notório que esse foi um momento emblemático da história dos cinemas em São Borja. As narrativas presentes nos jornais da época exibem uma disputa entre o poder público municipal e a firma responsável pelos cinemas *Municipal*, *Vitória* e *Variedades*. À primeira vista os discursos jornalísticos se apresentam de uma forma neutra e informativa, mas quando se analisa mais atentamente, se pode observar a construção de sentidos sobre os acontecimentos, legitimando certas posições. Tal como aponta Orlandi (2005), nenhum discurso é transparente ou neutro, isto é, todo

enunciado significa a partir de determinadas condições de produção, carregando os sentidos que pretendem ser naturalizados.

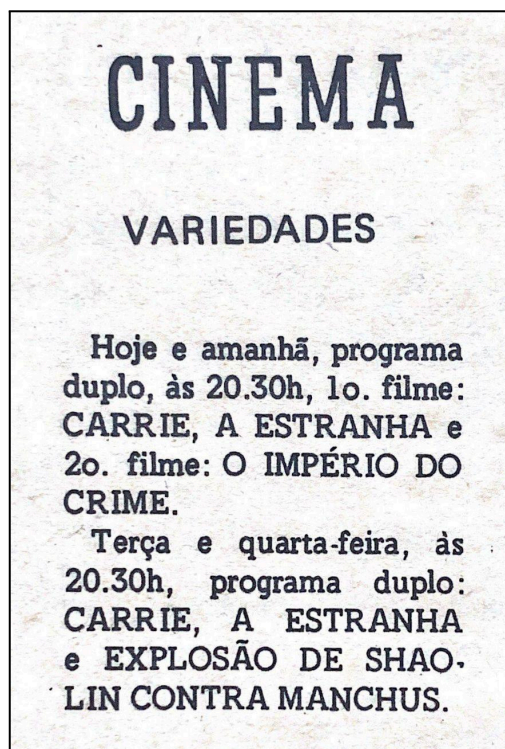
A primeira manchete, publicada pelo jornal local *Folha de São Borja*, cujo título anuncia “Em fevereiro o Cinema Municipal para. Em seu lugar, a câmara”, logo no enunciado apresenta uma ideia de substituição simbólica da cultura pela política institucional. Observa-se, dentro dessa perspectiva, uma lógica de substituição e continuidade, como se dentro desse processo não houvessem perdas, mas sim um processo natural de reocupação, bem como, de modernização – aspecto que ganha força ao longo da matéria. Quando no último parágrafo aparece as expressões “moderno projeto arquitetônico”, “excelentes condições de trabalho”, traz a ideia de progresso e modernização que legitimaria a substituição do cinema pela nova sede da câmara.

A segunda matéria, publicada pelo mesmo jornal um mês depois, cuja manchete é “*Carnaval acaba e a prefeitura entra com ação para despejar o velho cinema*”, igualmente carrega no título um contraste simbólico entre festa e fim. Há um simbolismo marcante entre prazer (carnaval, festividade, alegria, etc) e privação, marcado pelo encerramento do cinema e de uma era de lazer comunitário. Além disso, o adjetivo “velho” conferido ao cinema evoca a ideia de que o mesmo é envelhecido e ultrapassado, e que isso legitimaria seu apagamento. Nas duas matérias não há qualquer menção à importância cultural do cinema, nenhuma reflexão sobre a perda de um espaço público de convivência e lazer, muito menos a voz dos frequentadores.

A terceira e última matéria do embate foi publicada pelo *Jornal Correio do Povo*, com o título “Despejo leva ao fechamento de três cinemas em São Borja”, chegando ao ápice da disputa, saindo do âmbito da imprensa local e passando ao discurso da grande imprensa estadual. Ao analisar o título, nota-se que o verbo “leva” produz o que Fiorin (1996) identifica como apagamento do agente: a ação aparece como um processo natural, sem responsáveis explícitos (não se diz: “A Prefeitura despeja”, mas “o despejo leva”). Indo para uma análise do discurso dos vereadores, percebe-se um tom moralista e defensivo, que coloca o empresário como alguém que “pretende atirar a Câmara contra o povo”. O cinema, símbolo do lazer e da coletividade, é transformado em obstáculo ao progresso, e o seu fechamento é narrado pelos vereadores como algo que trará benefícios aos moradores, pois estes agora terão um local “mais acessível ao povo”.

O *Cinema Variedades*, por sua vez, pouco aparece nos jornais analisados. Quando mencionado, surge apenas nas chamadas que divulgavam as sessões em cartaz. Não foram encontradas, portanto, informações documentais adicionais sobre esse estabelecimento. A seguir, apresenta-se um fragmento de jornal que legitima a prática das sessões duplas promovidas pelo *Cinema Variedades* em 1980.

Figura 18 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1980)



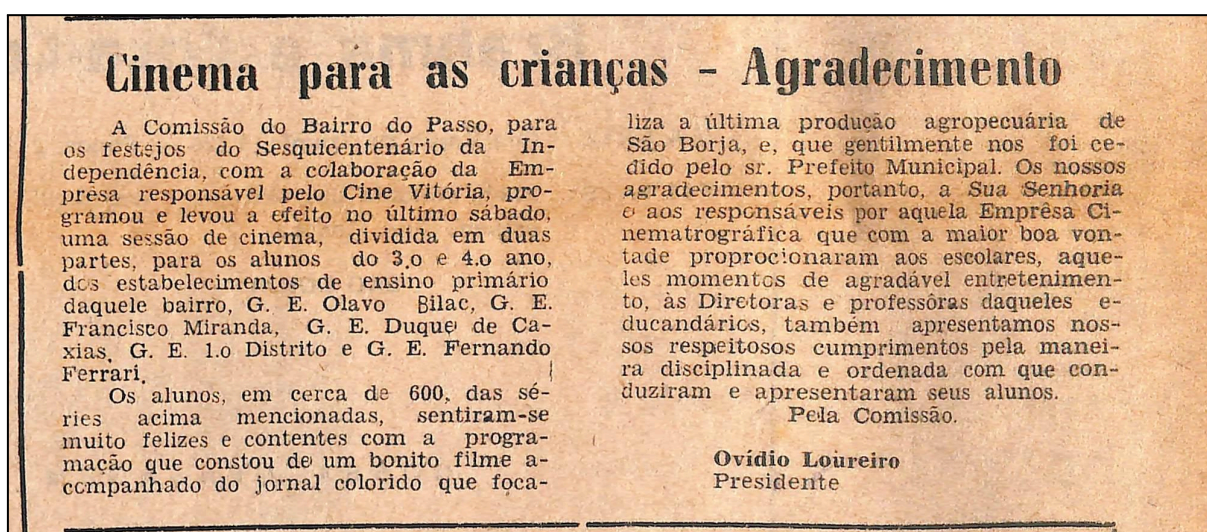
Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

O Cinema Vitória também possui pouca incidência nos jornais analisados, porém, quando encontradas menções, protagoniza recortes muito relevantes. Publicado pelo jornal *Folha de São Borja* em 1972, o texto relata um evento organizado pela Comissão do Bairro do Passo, onde aproximadamente 600 alunos das escolas Olavo Bilac, Francisco Miranda, Duque de Caxias e Fernando Ferrari foram assistir a um filme no referido cinema.

Ao evidenciar a potencial parceria entre a educação e o cinema como instrumentos complementares de formação cultural, a iniciativa demonstra como o espaço cinematográfico pode ultrapassar o entretenimento, assumindo de maneira complementar, uma função educativa e social. Tal relação reforça a ideia de que o cinema, quando articulado com práticas pedagógicas, contribui para o desenvolvimento crítico e sensível dos indivíduos, promovendo o acesso ao

conhecimento de forma dinâmica e participativa. Nessa perspectiva, conforme afirma Brandão (2005), a educação não é limitada a um único modelo, não se dá apenas dentro das delimitações físicas da escola, muito menos os professores são seus únicos praticantes. Outrossim, a iniciativa registrada reflete a compreensão ampliada do papel da cultura na formação dos sujeitos e na construção de experiências coletivas de aprendizado.

Figura 19 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1972)



Fonte: Acervo pessoal Clovis Benevenuto.

O *Cinema do Vitória* também é mencionado em recorte posterior ao seu fechamento, assumindo um viés nostálgico e resgatando lembranças das experiências vividas pelo público. Destaca-se as trocas de gibis, que retratam a intensa convivência entre os frequentadores do cinema e a forma como esses espaços permitiram a construção de memórias compartilhadas e experiências conjuntas.

Figura 20 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja*



Fonte: Arquivo pessoal Clóvis Benevenuto.

Os registros acerca do *Cine Presidente* aparecem, em contrapartida, com maior frequência. Inicialmente, destacam-se notícias sobre sua construção e inauguração – reunidas no item 4. Para além, apresenta-se um recorte contendo o agradecimento do cinema às empresas que contribuíram com materiais para a construção do estabelecimento inaugurado em 1972. Logo abaixo da nota de agradecimento, está disposta a programação da semana de inauguração, que contou com exhibições de terça-feira a domingo, onde no sábado ocorreram duas sessões e no domingo, três. Fragmentos jornalísticos como este, permitem a aproximação mais concreta com o objeto de pesquisa e ajudam a reconstruir parte de sua trajetória histórica.

Figura 21 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1972)

Cine Presidente

A. MATTEO & CIA. LTDA.

Agradecimento

Ao ensejo da inauguração de nossa casa de espetáculos, o **CINE PRESIDENTE**, desejamos expressar nossos sinceros agradecimentos às firmas fornecedoras do material utilizado na construção, em especial ao eng. Régis Cunha srs. Balduino Steinhorst (Henrique Moller Filho S/A) Alcides Zandavalli, Cypriano A. Ximenes, Lago & Leão, Ferragem Guarani, Edison Nazari, Casa Hoff, Casa Arco Iris, Eng. Cesar A. Dias, e a todos que nos incentivaram nesse empreendimento.

AJUDE A POLÍCIA A AJUDAR VOCE — POLÍCIA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL

O POLICIAL É SEU AMIGO. CONFIE NELE.

É DEVER DE TODO CIDADÃO COMUNICAR À POLÍCIA TUDO AQUILO QUE FOR DA ALÇADA POLICIAL. USE O PLANTÃO PERMANENTE DA POLÍCIA CIVIL — FONE 22-22.

Cine Presidente

É a seguinte a sua programação para esta semana:

Hoje — Alfredo o Grande, cinemascopo, da Metro-Goldwin-Mayer.

Quarta e quinta-feira — Quando o sexo se define.

Sexta e sábado — Os punhais do vingador, colorido, da Metro.

Domingo, O palácio dos Anjos, com Norma Benguel.

As funções têm início, exatamente às 20 horas.

Aos sábados, haverá duas sessões: às 19,30 e 21,30 horas.

Domingos : 16 horas, — 19,30 — 21,30.

Participações de
nascimentos, noivados
casamentos. Solicite
espaço pelo telefone
2100 ou aqui na redação

PÁGINA 9

Fonte: Arquivo pessoal Clovis Benevenuto.

Ademais, outro fragmento relevante sobre o Cinema Presidente, datado de 1980, apresenta a divulgação de três sessões de um filme, acompanhada de uma ilustração do cartaz. Essa atualização visual contrasta com a prática anterior de apenas mencionar o nome do longa, evidenciando como o cartaz passou a funcionar como um atrativo adicional para o público e reforçando a importância do cinema na vida cultural da cidade. Curiosamente, os cinemas mais presentes nos jornais analisados são o *Cinema Municipal* e o *Cinema Presidente*, respectivamente o primeiro e o último antigo cinema da cidade.

Figura 22 – Fragmento do *Jornal Folha de São Borja* (1983)

Vereador propõe trans mistos, de carga e passageiros.

Domingo estreia o 'Cangaceiro Trapalhão' no Cinema Presidente



RENATO ARAGÃO
DEDE SANTANA
ZACARIAS
MUSSUM
e REGINA DUARTE
com um título de
DANIEL FILHO

O Cinema Presidente apresenta amanhã em três sessões, às 13hs30min; 15hs30min e 20hs15min, o "Cangaceiro Trapalhão", com censura livre. O filme é sátira bem humorada da história de Lampião, o Rei do Cangaco, apresentando Regina Duarte e Bruna Lombardi e ainda Tania Alves e Nelson Xavier (ela e Maria Bonita, ele e Lampião, da série Lampião apresentada pela Globo). A direção é de Daniel Filho. Foi filmado no Nordeste e, como sempre traz em destaque as confusões armadas por Didi, Dede, Muçum e Zacarias, o agora desfeito "Quarteto Trapalhão". O Cangaceiro Trapalhão é ultimo trabalho do grupo para o cinema.

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Em 1983, no caderno de cultura da folha de São Borja foi publicada a matéria "Com o crescimento da cidade, um novo ritmo", cuja matéria aborda o despertar e a formalização da política cultural no município, discorrendo sobre como o crescimento demográfico da cidade se relacionou com a perda de opções de entretenimento, bem como a sensação de descaso com a conservação da memória da história local.

Figura 23 – Fragmento de *Jornal Folha de São Borja* (1983)

Com o crescimento da cidade, um novo ritmo

Devido talvez ao crescimento demográfico levando a cidade a perder gradativamente seu pacato ar provinciano em que as pessoas eram mais próximas umas das outras e até se conheciam pelo nome foram rareando as participações comunitárias no setor. A população tinha como alternativa de lazer e cultura os cinemas e o Teatro Municipal e uma ou outra iniciativa isolada.

E se rareou à participação comunitária, um certo descaço foi tomando conta até no que diz respeito à conservação da memória da cidade guardada na arquitetura, nos documentos históricos, na arte ceteral, no patrimônio paisagístico em que se desenvolveram fatos importantes da História Comunal, na arte missioneira. E perdeu a cidade a sua Igreja construída à época dos jesuítas, o seu Cine Teatro Municipal, o prédio da então Companhia Telefônica, a sua Capelinha de Nossa Senhora da Conceição, só para citar algumas perdas. E Cultura também é isto: é a memória do povo expressa nos monumentos que constrói, no registro dos fatos em que ele é ator e espectador, nas mais variadas formas de expressar sua sensibilidade, suas crenças e suas idéias.

NOS ANOS 60 A PRESENÇA OFICIAL

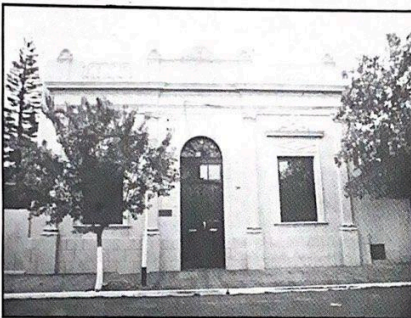
Sem fugir à regra geral — segundo a qual, com o crescimento e evolução das sociedades, o Estado foi assumindo papéis antes desempenhados pela iniciativa dos grupos sociais — São Borja passou, a partir da década de 60 a ter na iniciativa oficial, representada pelo Executivo e Legislativo, uma saída para revigorar o setor de Arte e Cultura.

É a partir desse decênio que a cidade passou a contar com uma Biblioteca Pública, Museu e Arquivo Histórico; que encontrou uma forma de preservar — através de Convênio com a Mitra Diocesana de Uruguaiana — no Museu Municipal as obras de arte jesuítico-missioneira que constituem a maior parte de seu acervo. Também foi nos anos 60 que em convênio com a Universidade Federal de Santa Maria surgiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, com seu Departamento de Língua e Literatura, tem sido responsável por inúmeras oportunidades de convívio com promoções culturais. Ainda nesse período foi revivida uma antiga manifesta-

ção da cultura e arte popular — o Carnaval de Rua, e incentivadas promoções populares de cunho religioso-folclórico como a Festa de São Joãozinho Batista e de Nossa Senhora dos Navegantes.

Em 1973, com a reorganização estrutural e administrativa da Prefeitura Municipal, surgiu o Departamento de Assuntos Culturais a ele incumbindo as iniciativas de preservação e fomento de atividades culturais, no que é auxiliado pela Assessoria de Relações Públicas e Turismo.

Através desses dois organismos da Administração Municipal, algumas vezes unidos a entidades de objetivos afins, tem sido expressiva a participação da Prefeitura Municipal no setor, seja promovendo diretamente espetáculos artístico-culturais seja subvencionando entida-



Participação na organização do Museu Getúlio Vargas.

des que tenham por finalidade o culto à arte e à cultura como o Grupo Santa Fé de Arte Nativa, o Grupo Amador de Arte Os Anqueras e a Associação Cultural Getúlio Vargas.

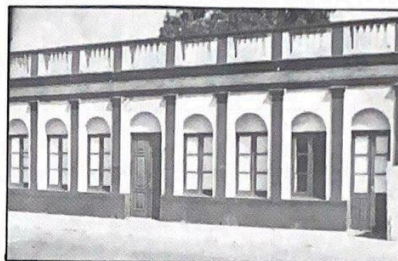
A Feira Municipal do Livro, criada em 1979, trouxe a São Borja nomes expressivos da Literatura e Historiografia rio-grandense e valorizou nomes locais. Mas não ficou nisso o incentivo. A municipalidade adquiriu os direitos autorais e editou o livro *São Borja e Sua História*, de Cláudio Oraindi Rodrigues, obra de consulta colocada à disposição de professores, estudantes e interessados em geral. Por iniciativa da Prefeitura Municipal foram colocadas placas denominativas nas casas em que nasceu e viveu Getúlio Vargas. Ainda, durante os festejos que assinalaram o Centenário de Nascimento do grande estadista, o Poder Público do Município colocou à disposição da Comis-

são Organizadora duas funcionárias para se responsabilizarem pelo funcionamento do Museu Getúlio Vargas e organização do acervo bibliográfico existente no local, a pedido da Associação Cultural Getúlio Vargas.

O artesanato também tem merecido apoio e incentivo da Prefeitura Municipal, através da Assessoria de Relações Públicas e Turismo, inclusive proporcionando a vinda de pessoa credenciada pela Fundação Gaúcha do Trabalho para cadastramento dos artesãos locais.

A NECESSIDADE DA ADOÇÃO DE UMA MEDIDA PERMANENTE

Sentindo a adoção de uma medida de caráter permanente capaz de resguardar o patrimônio histórico-artístico-cultural, o Executivo encaminhou à Câmara de Vereadores, em setembro de 1981



Placas indicativas nos prédios históricos.

mo fruto da inteligência e da sensibilidade de sua gente.

Resguardar, preservar e enriquecer esse patrimônio não é, todavia, atribuição exclusiva de nenhum governo. É tarefa que compete equitativamente a todos os segmentos da comunidade.

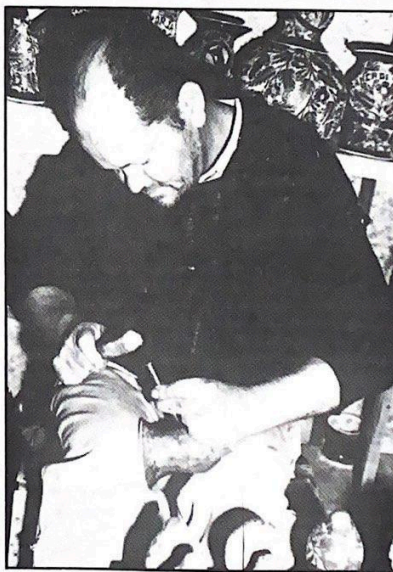
Neste Caderno Especial, em que especificamente é realçado o potencial artístico-cultural do Município de São Borja, a Prefeitura Municipal apresenta uma síntese daquilo que, na sua condição de Órgão de Administração Pública, tem feito para contribuir na defesa e incremento ao setor de Arte e Cultura, quer direta ou indiretamente.

PRIMEIRO, A INICIATIVA COMUNITÁRIA

É recente a participação do Órgão Público nas atividades de cunho artístico-cultural na cidade. Em tem-

pos passados o saudável clima cultural vivido pelos são-borjenses era fruto da iniciativa privada, através de entidades sociais ou grupos amadores responsáveis pela montagem e apresentação de peças teatrais, de recitais, de espetáculos de dança e pela vinda de grupos de outras localidades. A cidade possuía casa de espetáculo construída para esse fim, nas famílias sempre havia alguém com pendores para música, declamação ou natural tendência para a difícil arte de interpretação teatral.

Vieram depois os cinemas e os são-borjenses tiveram uma nova opção — cresceram os adeptos da sétima arte do Município e há quem recorde os bons tempos do cinema mudo — que revelou ao mundo gênios como Carlitos — ao ar livre, no local onde atualmente existe o prédio do Banco Sulbrasileiro.



Incentivo ao artesanato local.

Logo no início, o texto apresenta um diagnóstico da modernização:

“Devido talvez ao crescimento demográfico levando a cidade a perder gradativamente seu pacato ar provinciano em que as pessoas eram mais próximas umas das outras, foram rareando as participações comunitárias do setor”.

Nesse trecho, o jornal assume um discurso nostálgico, no qual o passado “provinciano” aparece como um tempo no qual a vida comunitária era mais próxima. O crescimento urbano é visto como uma ruptura nos laços comunitários, que resultou no distanciamento entre as pessoas e no enfraquecimento das redes de sociabilidade. Pode-se dizer que o que é apresentado é o que Halbwachs (1990) se refere como um rompimento dos “quadros sociais da memória”, isto é, a arquitetura, os espaços de lazer e as práticas sociais que organizavam as lembranças compartilhadas foram desaparecendo.

Ao longo do texto, são lembrados patrimônios que já se perderam com o passar do tempo, como o *Cine Teatro Municipal*. Na segunda parte, a matéria troca o tom nostálgico para um discurso institucional, afirmando que a partir da década de 1960 o Estado assume a função de preservador da cultura. Revelando o processo que Le Goff (1990) chama de “estatização da memória”, uma transição da memória vivida (experencial, afetiva, local) para a memória administrada. Essa visão dialoga com Pierre Nora (1993), quando ele afirma que nas sociedades modernas, a memória viva cede lugar aos lugares de memória (museus, arquivos, monumentos) criados para compensar a perda das lembranças espontâneas. São Borja, no texto, é o exemplo perfeito dessa transformação, indo de um município dos cinemas, do lazer e convívio comunitário, para à cidade dos museus e das comemorações oficiais. Aqui, ecoa a perspectiva de Benites e Silva (2015), de que a imprensa não apenas registra fatos, mas produz uma memória social, organizando sentidos sobre o que se perdeu e sobre o que deve ser preservado.

Figura 24 – Fragmento de *Jornal Folha de São Borja*

Fonte: Acervo pessoal Clóvis Benevenuto.

A última matéria a ser analisada foi publicada pela *Folha de São Borja*, sob o título "Os cinemas desapareceram". A matéria tem um tom nostálgico e memorial, recordando do fim de uma era cultural e articulando memória e perda. Diferentemente das demais matérias analisadas, discorre de certa forma em nome do público, é a narrativa da memória coletiva em torno dos cinemas. Em certo momento é citado o destino desses cinemas, isto é, a transformação da paisagem urbana (virou loja, igreja, câmara, desapareceu).

O texto evidencia as mudanças na forma como esses lugares passaram a ser vivenciados na cidade. Essa transformação pode ser analisada pela ótica do conceito de não lugar, formulado por Marc Augé (2005). Segundo o autor, no contexto das transformações aceleradas das cidades contemporâneas e da sobremodernidade, os espaços públicos tendem a perder suas dimensões identitárias, relacionais e históricas. Enquanto os cinemas funcionavam como lugares produtores de vínculos, memória e pertencimento, sua substituição por espaços marcados pela funcionalidade e pela circulação revela um deslocamento para experiências urbanas cada vez mais efêmeras e padronizadas, nas quais se enfraquecem as relações sociais e experiências compartilhadas.

Para além, a matéria destaca a dimensão afetiva dos cinemas: "À época, todos os cinemas lotavam, principalmente nos finais de semana. As matinês de domingo faziam a alegria de crianças e adolescentes". Dessa forma, o texto ativa a memória afetiva da comunidade, destacando os domingos, a alegria, a infância. A lembrança das "matinês" serve como um registro temporal, reconstituindo a ida aos cinema como prática social de encontro e pertencimento.

6. ENTREVISTAS

6.1 Entrevista 1

O entrevistado recorda com carinho o período em que trabalhou nos cinemas de São Borja. Iniciou sua trajetória como projetorista ainda jovem, aproveitando a oportunidade concedida por seu tio. Em 1977 começou a desenvolver suas atividades operando a máquina de projeção no *Cine Presidente*, onde trabalhou até 1989 – ano de fechamento do estabelecimento referido. Em 1990, o antigo *Cine Presidente* reabre como Centro Cultural – lugar este ainda destinado à atividade cinematográfica – onde ele trabalhou até o encerramento das atividades em 1998.

A rotina de trabalho ocorria durante o período da noite. Ele conta que: “Só ia à noite, das 19h às 23h, no máximo até a meia-noite, quando dava duas sessões [...] Na época que tinha duas, três sessões, tinha bastante gente [...] Todo dia tinha cinema.” Nos dias de maior movimento, todas as sessões, segundo ele, eram bastante frequentadas. Ele recorda que o *Cine Presidente* possuía capacidade para acomodar cerca de 460 pessoas e destaca o grande tamanho da tela onde eram projetados os longas-metragens. Porém, com o passar do tempo, a quantidade de assentos diminuiu para cerca de 300, reflexo da queda no público, provocada, segundo o entrevistado, pela chegada da televisão nas casas dos são-borjenses.

As sessões eram cheias de vida e energia, muitas vezes bastante barulhentas. Nesse sentido, os momentos de superlotação ficaram gravados em sua memória, quando cada assento era disputado:

Bah! Tinha lotação sábado e domingo. O filme da Xuxa e dos Trapalhões era um horror. Superlotação! O filme *King Kong*, *Tubarão*, era três sessão cheia. 400, 1.000 e poucas pessoas, né? Porque dava três sessão [...] Eles bagunçavam muito no cinema. Era muita bagunça, principalmente na sessão da tarde [...] Eles se atiravam balas, faziam um sucesso!

Ele lembra que os adolescentes compravam guaraná e pipoca com o pipoqueiro que ficava sempre em frente ao estabelecimento, e encontravam nas idas ao cinema um espaço de liberdade para namorar, brincar de atirar balas e se divertir juntos. Compartilhando momentos que fortaleciam as amizades e criavam pequenas tradições próprias da juventude.

Acerca dos longas projetados, o entrevistado demonstra carinho especial pelo filme *Dança com Lobos* (1990), longa-metragem de faroeste/aventura dirigido por Kevin Costner. Ele discorre: “Era muito bom o filme. Tenho até guardado”. E, ao ser

indagado sobre alguma lembrança divertida que tenha acontecido durante uma sessão do período em que trabalhou no cinema, compartilha: “Não foi engraçado, mas anos depois eu achei engraçado. No cinema tinha aquelas janelinhas em cima, né? Um guri me atirou uma bala, pegou bem aqui – apontando para o meio de sua testa – acertou em cheio”, relembra rindo da situação.

Para ele as novas gerações não compreendem o valor dos antigos espaços de cinema da cidade de São Borja, acreditando que os jovens de hoje não compartilham da mesma compreensão do que aquele espaço significava para os jovens daquela época. Para ele, não há interesse nem curiosidade: “Não querem nem mais saber de cinema”.

Ainda sobre a queda de público nas sessões com o passar dos anos, fala:

Quando começou a televisão, começou a decair [...] Pornô, o pessoal não gostava de filme pornô. Os filmes pornográficos tirou muita gente do cinema. Aí começou a bagaceirar a coisa. Aí a bagunça tomou conta. Aí por 1985, começou a decair [...] O pessoal já queria ficar em casa, televisão.

O entrevistado ainda guarda o sentimento da frustração de ver os cinemas encerrando suas atividades, não escondendo seu descontentamento. Isso posto, ao partilhar essas lembranças, encerra deixando um recado às novas gerações: “Que valorizem o cinema [...] quando o cinema abrir aqui, que o pessoal vá assistir, porque cinema é cultura!” Por fim, ele resume seus sentimentos em: “Saudade, muita saudade”.

Figura 25 – Antigo projetor usado nos cinemas Municipal e Presidente:



Fonte: Acervo pessoal Leonardo Moraes.

6.2 Entrevista 2

O segundo entrevistado possui 71 anos e suas lembranças evidenciam principalmente a função que o *Cinema Vitória* exerceu na sociabilidade dos moradores do bairro do Passo durante meados da década de 1960 e 1970. Identificando o cinema como local que “uniu pessoas em amizade contínua, bem como namoros, noivados e casamentos”.

Dentre os aspectos do cotidiano e da atmosfera do cinema, ele lembra como a presença dos vendedores ambulantes contribuíam para o ambiente festivo das sessões:

Tinha o tiozinho da pipoca, tinha o baleiro de balas. [...] Antes de começar o filme, o baleiro caminhava no corredor vendendo balinha. Bala de leite, bala de goma. Vendia jujuba, aquelas balas de hortelã. [...] Tinha um carrinho de pipoca na frente.

Nesse sentido, relembra que o cinema representava a principal atividade de lazer dos moradores do bairro do Passo, num período em que os recursos tecnológicos eram limitados. Ele relata que o público costumava chegar bem antes das sessões, tornando a espera em um momento de convivência:

Se o filme começava às 20h, 19h30min, 19h20min, já tinha gente na frente ali conversando, comprando revistas. Se alguém vinha para o centro durante a semana, comprava a revista e chegava ali para trocar. [...] Era um envolvimento, era o que tínhamos. Televisão, poucas casas tinham, e os programas eram muito restritos também. O sinal era muito fraco, então, o entretenimento mesmo do passiano era o cinema.

As memórias também revelam os desafios e as particularidades de frequentar os cinemas em tempos anteriores à tecnologia digital. Os problemas com os rolos de filme, as quedas de energia e as longas esperas faziam parte de ir ao cinema:

Uma história curiosa que era muito comum, nós estarmos assistindo um filme e no melhor do filme arrebentava a fita. Às vezes não tinha como voltar a operar a máquina. Tu ficava naquela “o que vai acontecer?” Tinha que esperar vir uma nova remessa daquele filme. Ou tentar consertar, fazer aquela emenda. Alguns, tu conseguia encaixar [...] mas tu perdia um pedaço. Por exemplo, um minuto da cena. Aquela continuidade, tu já pegava na frente. Uma outra situação, que era muito comum. Tu ia no cinema com um dia que tinha probabilidade de chuvas, trovoadas, raios. Faltava luz no começo do filme. Aí esperava umas meia hora, 40 minutos. Depois todo mundo ia embora. Só depois, uma nova marcação para poder assistir novamente aquele filme. Tu ganhava o ticket de volta para voltar no outro dia.

Em seu relato, o entrevistado descreve como funcionava a distribuição dos filmes entre os diferentes cinemas de São Borja, destacando a ordem em que as exhibições ocorriam e a relação entre os espaços do centro da cidade e do bairro do Passo. Essa lembrança ajuda a compreender a dinâmica cultural da cidade na época:

Primeiro rodava lá no centro, no *Variedades*, ou no *Municipal*, ou no *Presidente*, depois vinha para o Passo. Na época, o proprietário do Cine Vitória, se não me falha a memória, ele era o dono do cinema do centro, e o filho dele, administrava o cinema aí no Passo.

Relembra também o encanto de frequentar os cinemas localizados no centro da cidade, e o quanto essa experiência era valorizada pelos jovens passianos da época. O deslocamento do bairro do Passo até o centro era uma aventura para os jovens:

A estreia do filme lá no *Presidente* ou lá no *Municipal* era aquela coisa, era um glamour você sair do Passo para ir ao cinema no Centro. [...] O fato de passear no Centro da cidade para nós, jovens, meninos de 12, 13 anos, era o máximo. [...] A galerinha ia para se divertir no cinema no Centro. A apresentação era melhor, as poltronas, os bancos, a própria projeção era uma máquina mais moderna, tinha uma resolução e qualidade um pouco melhor. O nosso era aquele sistema, vinha o filme ali para rodar nas máquinas. Às vezes já chegava um pouco complicado, porque ela rodava várias partes do Rio Grande do Sul. Vinha para Santa Maria, Alegrete, Uruguaiana, e depois esse filme ia para São Borja. No final do mês a gente ouvia no rádio, vai estrear o filme tal, na Rádio Fronteira do Sul. Nós ouvíamos, então a gente já ficava preparado para ver. Era maravilhoso, era um glamour.

Apesar dos cinemas centrais serem melhor estruturados, o *Cinema Vitória* era o mais frequentado pelos moradores do bairro do Passo:

Nós tínhamos a nossa solução local ali no bairro do Passo, no nosso cinema. E ali ele tinha algumas denominações um pouco jocosas, “Ah o cine Pulga do Passo”, eles diziam “Cine Pulga”. Eu nunca vi pulga, sei lá, isso era mais lenda do que verdade. [...] Então, posso te dizer que marcou muito a minha vida. O *Cine Vitória* foi o local de encontro, não só meu, acho que de tantos outros jovens pré-adolescentes.

Ainda em relação às sessões no *Cinema Vitória*, o entrevistado recorda das salas lotadas e que às vezes ficava muita gente fora: “Cansei de chegar e não conseguir entrar, porque já tinha estourado os ingressos.” Recordando os filmes mais marcantes que assistiu nos cinemas são-borjenses, compartilhando uma história de um romance juvenil nascido no cinema:

“Teve um filme que passou aí, *A história de Romeu e Julieta*. Eu vi oito vezes, porque eu tive uma namoradinha aí na cidade que ela era a foto da atriz que fazia o filme [...]. Depois de 52 anos, nos reencontramos nas redes sociais e relembramos do nosso encontro lá dentro do cinema, na matinê.”

Além deste filme, há mais vários que guarda com carinho em sua memória, como os de John Wayne, e outros como *O Dólar Furado (1965)* e *Cavaleiro Negro (1976)*. Ele conta: “Sempre dava lotação total”. A lembrança dessas sessões vem acompanhada de uma reflexão sobre o tempo e as mudanças nos modos de assistir filmes. Ele compara o “cinema raiz” de sua juventude com os cinemas modernos, destacando o quanto a tecnologia modificou a experiência cultural:

Eu tenho uma lembrança viva para mim, pena que eu não pude passar para o meu filho, ele já não viveu essa época, de vivenciar o cinema raiz. Hoje tu tropeças, tu entra no shopping, tem quatro salas, tu vai no outro shopping, tem mais quatro salas. Quer dizer, não tem mais cinema de rua aqui em Porto Alegre, exceto algum sobrevivente que eu não sei. Então, hoje é climatizado, poltronas reclináveis. Aí eu penso, o que é evolução, né? Você saiu do telefone aquele de manivela, hoje você tem uma evolução incrível na comunicação. Visto que nós estamos conversando aqui via celular, olhando para você. Eu acho que as referências do passado, elas vão cada vez ficar mais esquecidas. E eu fiquei tão feliz de você buscar esse tema do passado, ele é muito rico. Essa falta de referência que os jovens têm hoje. A gente se pergunta, porque eu acredito que a maior parte dos jovens de São Borja nem saibam que a gente teve tantos cinemas. Às vezes a pessoa nem sabe que teve um cinema em São Borja.

Para encerrar, discorre sobre a importância de valorizar o passado e preservar a memória cultural. Ele destaca como os antigos cinemas e momentos de entretenimento de São Borja contribuíram para o desenvolvimento da cidade e da própria identidade de seus moradores. De forma carinhosa, deixa a seguinte mensagem:

Tudo na vida é um processo de crescimento, de evolução, porque o que seria da marca Fiat de carro se não fosse o 147? Através do 147 veio o Uno. Do Uno veio a sequência dos carros hoje. [...] O que seria da Volkswagen se o Fusca não fosse um carro tão primoroso que entregou para mais e mais gerações e chegou onde chegou? [...] A mensagem é para não perdermos a essência daquilo que o passado nos deu. Tanto faz ser no clube, na vida social, na vida sentimental, no entretenimento, nos valores que se transformaram. Eu tive uma emoção tão forte quando eu estive aí. Olhar coisas... “Poxa, muito vim aqui... Muito fui lá..”. Quer dizer, tu ter aquele orgulho de ter feito parte daquela situação. Eu tenho um orgulho muito grande de ser são- borjense.

6.3 Entrevista 3

O entrevistado começou a ter contato frequente com o cinema quando era adolescente, através do emprego de sua mãe, que exercia a função de secretária, realizando o inventário do antigo *Cinema Presidente* para o *Centro Cultural*:

Minha mãe era artista plástica, ela fazia parte do *Centro Cultural* de São Borja. [...] Quem puxava o *Centro Cultural* eram as professoras Marisa Trindade e Maria Tereza Veloso, que se alternavam na presidência. A tesoureira era a Sílvia Soller [...] Elas é que faziam a coisa funcionar ali. A minha mãe trabalhou por pouco tempo oficialmente com o *Centro Cultural*. [...] Ela foi contratada como secretária porque era necessário fazer o inventário do antigo cinema para o *Centro Cultural*. E aí o *Centro Cultural*, então, assumiu o andamento do cinema. Todos trabalhavam como voluntários, eu, inclusive estava ali há bastante tempo como voluntário na minha adolescência. [...] Tinha também o pessoal que o cinema “herdou” junto com o maquinário todo, que foram os projetistas, João Carlos, Fátima, e o Renato.

Apesar de não ser são-borjense, o período em que residiu em São Borja foi muito marcante em sua vida. Sobretudo as idas ao cinema foram muito especiais para a construção de vínculos afetivos e de estímulo cultural. Ele morou na cidade durante a década de 1980 e meados da década de 1990:

No *Centro Cultural* eu participei desde o início, por causa da minha mãe. E aí, quando rolavam os eventos, eu ia. Inclusive, eu participei de teatro. E nesses festivais regionais, eu participei uma vez também. Então, eu me envolvi mesmo nessa questão.

O *Centro Cultural* não tinha fins lucrativos, o entrevistado recorda que o local funcionava “só para fazer a cidade ter um cinema”, e por essa questão, era muito difícil conseguir trazer os filmes:

A única distribuidora de filmes que a gente tinha, que dava “free acesso” a todo o acervo, eram os filmes da Columbia. A Warner era mais restrita, por causa de questões de valores mesmo. Lançamentos era uma coisa que não tinha como bancar. Os *Blockbusters* só vinham um ano, dois anos depois. E Paramount, então, não podia de jeito nenhum, eles nem mandavam pro interior, inclusive. Era só em grandes centros. [...] Mas era o único cinema que tinha. Na época, os filmes dos Trapalhões, eram os que a gente fazia muito caixa, que dava filas. [...] Eram fins de semanas inteiros, uma sessão após a outra. Era o que bancavam mesmo. No início dos anos 1990, eram os filmes dos Trapalhões e os filmes da Xuxa.

Ainda em relação aos longa-metragens que eram trazidos a fim de serem exibidos no *Centro Cultural*, relembra as dificuldades enfrentadas por se tratar de um cinema de cidade interiorana, como as cópias de filmes em péssimo estado: “O João Carlos, tinha que ir lá, botar na maquininha, emendar pedaço com a durex e tal. Os

filmes sempre tinham que ser revisados antes de serem exibidos”. E conta que ele mesmo era uns dos responsáveis por trazer os filmes para São Borja e relata:

A gente vinha de Porto Alegre, a distribuidora era de Porto Alegre, e a gente vinha do ônibus Planalto, e aí a gente tinha que pegar. A gente tinha que ir lá pela rodoviária pegar os latão, eram uns baita dos latões, com os rolos de filme, rolos grandes. Eu me lembro que tenho um pedaço do Dick Tracy. Eu me lembro que tenho um pedaço do *Memphis Belle*. O *Memphis Belle*, eu ainda pedi para o João Carlos, quando ele foi fazer a revisão lá, se tiver uma emendinha lá e aparecer uma cena do avião, tu corta para mim, ele pegou e fez isso. Eu tenho três *frames* do filme que aparece o B-17. Eu sou historiador militar, então sempre gostei dessa história de aviação. Esse foi um filme que eu... Nossa, eu vi todas as sessões do *Memphis Belle*. E eu tenho alguns pedaços da película guardados.

Além de trabalhar no Centro Cultural, o entrevistado também chegou a ter o hábito de frequentar o *Cinema Presidente*, porém quando o cinema fechou e o *Centro Cultural* assumiu, não deixou a oportunidade de trabalhar na nova opção de lugar que oferecia projeções cinematográficas para a comunidade e lembra: “eu aproveitei, vi bastante filme de graça naquela época.”

A respeito do final das atividades do *Cinema Presidente*, explica que na época que antecedeu o fechamento, passavam muitos filmes pornográficos, e que isso acabou por afastar o público familiar:

Cinema em São Borja era uma coisa bagaceira. E o *Centro Cultural* teve todo esse trabalho de tornar o cinema uma coisa de família de novo, em São Borja. Porque realmente a imagem que no final, do *Presidente* ali, deixou uma imagem muito ruim para o pessoal. [...] O *Centro Cultural* foi importante para tornar o cinema algo familiar em São Borja. Porque a gente passava muito filme da Xuxa, dos Trapalhões, que era o que dava dinheiro, era o que mantinha, era o que fazia caixa mesmo. Quando a gente trazia esses filmes, o que acontecia? A procura era tão grande que você fazia a sessão contínua a partir de uma hora da tarde. Então, chegava a rolar às vezes seis sessões. Era uma coisa insana a quantidade de pessoas que juntava na frente do cinema para ver esses filmes. Era bem impressionante a quantidade de pessoas que juntavam. [...] Nossa, nesses dias que tinha filme da Xuxa e Trapalhões, toda bala e todo refrigerante era pouco. Era incrível, era incrível!

Os funcionários do Centro Cultural, foram “herdados com o patrimônio do *Cinema Presidente*”, brinca. Contando que isso ocorreu devido a eles já saberem muito bem manusear os antigos equipamentos:

Era um equipamento a carvão, enquanto os cinemas maiores usavam equipamento com lâmpada. Era uma técnica de projeção completamente diferente, a manutenção do equipamento era diferente, a operação era diferente, porque o maquinário que tinha lá impossibilitava você colocar todos os rolos de filme num só. Então você tinha que fazer a troca de

máquina de um rolo para o outro. E era perceptível, muitas vezes, essa troca de máquina. E muitas pessoas, inclusive, reclamavam, achando que a gente estava cortando o filme, tirando pedaços do filme, para fazer o filme ficar mais curto, porque a gente estava logrando eles. Inclusive, eu aprendi isso, eu vejo isso no cinema até hoje, a questão da troca do rolo. Aparece no canto direito superior, vocês vão notar agora, quando vocês verem filmes, vão começar a procurar isso que eu estou falando. Aparecem umas manchas escuras no canto da tela antes da troca do rolo. Aquilo ali é a marcação. Então, você sabia, era uma, duas, você tinha que trocar de máquina. E as máquinas de lâmpada, o que acontecia? Nesse momento da revisão, isso que o pessoal fazia antes, eles juntavam todos os seis rolos, que era a média que um filme tinha, seis rolos, eles botavam tudo num rolo só. Então, você não percebia tanto essa troca. Porque quando você trocava de máquina, você tinha que fazer o ajuste da lente, você não tinha a imagem para ter o ajuste fino da lente. Então, era perceptível essa troca da máquina. E tinha gente que reclamava, gritava, por causa de quando rolava isso. Era engraçado isso.

Para adentrar o Centro Cultural em dia de cinema, não era permitido entrar com bebida e comida, pois o próprio cinema tinha seus produtos para venda. Refrigerante, água, bala, chocolate, etc. Em relação ao acesso, sem precisar refletir muito, explica que durante esse período, o cinema era passatempo da população periférica:

Na época o cinema era passatempo para a pessoa pobre, era para a gurizada sem dinheiro. [...] Hoje em dia é exatamente o contrário. Mas, na época, o preço era acessível. Porque a ideia do *Centro Cultural* era fazer as pessoas gostarem de cinema. A questão era a transmissão de cultura. [...] O cinema ficou com uma imagem muito ruim em São Borja, ali no final do *Cinema Presidente*. Essa questão do cinema como um entretenimento familiar foi o *Centro Cultural* que o trouxe de volta. Então, não tinha como não cobrar. Era impossível não cobrar, senão São Borja não ia ter, porque ninguém queria bancar. [...] Tinha que ser cobrado.

Ao ser indagado sobre como foi para ele conviver durante a juventude em um ambiente que possuía espaço cinematográfico, o entrevistado se emociona e abre seu coração compartilhando de seus sentimentos:

Cara, olha...Esse período...Tenho um carinho muito grande por esse período. Só um minutinho. – o entrevistado se emociona – Foi muito marcante na minha juventude. Foi muito bom, muito bom. [...] Quando eu fui para São Borja, eu já tinha essa questão do cinema. Eu já gostava de cinema, e teve uma marca na minha adolescência muito grande. As namoradinhas, a questão do conhecimento em cinema, a questão social, foi muito importante. Quando o Antônio me falou que o cinema fechou, eu fiquei muito chateado. Por isso que eu falei, quando tu me perguntou, “Como foi pra ti ver os cinemas fechando?”, ainda bem que eu não vi, ainda bem que eu não vi...

Entre os muitos filmes que assistiu ao longo dos anos em que viveu em São Borja, alguns permanecem gravados em sua memória de maneira especial, seja por considerá-los muito bom, ou muito ruim:

Muitos filmes daquela época eu ainda gosto. É incrível, eu sempre acabo vendo os filmes velharia, filmes dos anos de 1960, 1970, alguns de 1990 também. [...] Tem um filme em especial que foi, assim, pela história, pela loucura da história e tal, eu não conhecia, nunca tinha ouvido falar. *As Aventuras do Barão Munchausen (1988)*. Esse, eu acho que foi o filme que mais marcou. Foi um dos filmes que menos deu público, inclusive. Mas foi incrível, porque teve gente que foi três sessões. O *Barão Munchausen*, se não me engano, é um personagem cultural germânico, que é conhecido por ser mentiroso. É muito bom, é psicodélico o filme. [...] É uma insanidade atrás da outra. E depois, quando tu volta, tu volta lá na questão, lá do início do filme. E é isso que eu achei interessante, porque não foi um filme que atingiu um público muito grande, mas foi incrível, porque muitas das pessoas foram ver, foram mais de uma vez. Porque ele era diferente. Inclusive, tinha um cara, lembro o apelido dele, o Teca, ele ia no cinema mas ele gostava de ver filme de ação, aqueles filmes do *Rambo*, que era o que rolava bastante na época também. Quando não tinha pancadaria e tiroteio, ele reclamava do filme. Mas aquele filme, ele foi ver três vezes seguidas, e ele falou: “Esse é um dos melhores filmes que eu já vi”. Aquele filme foi incrível, foi uma coisa bem diferente.

As histórias de amizades constituídas e cultivadas nesses espaços são as memórias que se sobressaem durante sua narrativa, de modo que o cinema é considerado por ele como “o centro das amizades” daquela época.

Todo mundo se cruzava no cinema. Toda cidade se cruzava no cinema. Do pobre ao rico, todo mundo se cruzava. Porque era o único lugar que tinha. Onde você ia conseguir ver um *Barão Munchausen*? Era lá. Onde você ia conseguir ver um *Exterminador do Futuro*? Era lá. Um *Rambo*? Era lá. Uma Xuxa? Era lá. Eu tenho lembranças de filmes muito ruins também. O Inspetor Malandro lá. Meu Deus! *Inspetor Faustão e Malandro*. De doer aquilo, cara. Mas deu muita grana para o cinema aquele filme.

Ao longo dos anos de trabalho no *Centro Cultural*, se deparou com muitas situações curiosas. Depois das sessões, não era incomum encontrar nos assentos os vestígios deixados pelos espectadores:

Às vezes tu encontra umas coisas meio inusitadas. Qualquer coisa que vocês podem imaginar, vocês encontram. Coisas de uso pessoal. Coisas ilícitas. Coisas perigosas. Principalmente naqueles dias que eram aquelas loucuras, quando vinham esses filmes os trapalhões, da Xuxa, que era uma sessão atrás da outra. Todo mundo chegava para a sessão de uma hora e o cinema tinha lugar para 400 pessoas, depois da reforma do palco. [...] Então, cara, gerenciar aquela fila era complicado. Era complicado. Tu organizava a primeira sessão, organizava a primeira fila, separava as pessoas enquanto a segunda estava comprando. Então era um movimento constante. O pessoal estava saindo por um lado e entrando pelo outro. E não tinha como limpar o cinema entre uma sessão e outra. Às vezes não

dava. E, cara, era nesses dias que tu encontrava de tudo o que podia imaginar no meio da bagunça.

Como mensagem para quem irá ler essas lembranças, ressalta a importância de valorizar o passado e reconhecer o papel que o cinema desempenhou na vida cultural da comunidade são-borjense. Suas palavras refletem o sentimento de quem viveu intensamente aquele período e entende o cinema como parte da própria história e formação pessoal:

É uma época diferente. Digamos assim, o cinema que eu conheci, que frequentei, não era um cinema comercial. Ele tinha essa questão do *Centro Cultural*. Esse período ali, não tem como comparar, eu acho. Não tem como comparar. [...] O Centro Cultural era uma outra pegada. Eu tenho essa questão afetiva envolvida por causa que fez parte da minha vida, da minha adolescência, da minha formação. [...] Não deixem acabar de novo. Mantenham e aproveitem. Aproveitem. [...] O cinema é isso. O cinema é simplesmente “divirta-se”.

6.4 Entrevista 4

O terceiro entrevistado possui 58 anos e morou durante 9 anos em São Borja, de 1977 até 1986. Nascido no interior da cidade, mudou-se para a zona urbana com o objetivo de estudar, período em que o cinema passou a integrar de forma significativa sua rotina. Ao relembrar essa fase, afirmou: “Todo o tempo que eu morei aí, teve cinemas em São Borja [...] Quando eu tava pra vir para Porto Alegre, já tava começando a fechar as salas de cinema aí”.

Apesar de ter conhecido e frequentado todos os cinemas durante o tempo em que morou em São Borja, possui um carinho especial pelos cinemas *Variedades* e *Presidente*:

Variedades eu ia mais, porque tinha sessão dupla. Daí era mais em conta o ingresso. Pagava um ingresso e assistia a dois filmes. O *Presidente* e o *Municipal* não tinham essa sessão dupla, era só no *Variedades*. A gente entrava 20h no cinema e saía quase meia noite, dependendo, porque eram dois filmes.

Em relação aos valores dos ingressos, ele recorda fatores que faziam com que os preços em determinados cinemas fossem um pouco mais elevados do que em outros. Entretanto, afirma que, no geral, não havia tanta diferença assim. De forma a concluir:

O ingresso do *Presidente* era um pouco mais alto. Era um cinema um pouco mais elitista, passava filmes mais atualizados e a sessão era única. O *Variedades* passava filmes mais antigos. Quem era guri não gostava daquele tipo de filme. A qualidade do filme não era tão boa como as do

Presidente. O preço do ingresso era mais ou menos igual, mas o *Variedades* era mais barato, porque eram dois filmes, né? Pagavam o ingresso e assistiam a dois filmes e no *Presidente* não.

Ao refletir sobre quais eram seus filmes preferidos daquele período, ele revisita o passado e relaciona os títulos aos diferentes cinemas onde assistiu a cada um dos longas:

No *Variedades* eu assisti o *Ben-Hur* (1959). Passou em 1979, 1980, por aí. Esse é o filme que me marcou quando eu assisti ali no *Variedades*. E no *Presidente*, um filme que me marcou foi o *Blade Runner*. *Blade Runner*, o *Caçador de Androides* (1982). Foram os filmes, assim, que eu sempre lembro. *Apocalypse Now* (1979) também, foi lá no *Presidente* que eu assisti. São alguns clássicos que a gente assistia.

Assim como em outros depoimentos presentes neste trabalho, as trocas de gibis se fazem presentes de maneira muito forte nas memórias da pessoa entrevistada. Esse momento de socialização juvenil acontecia nas famosas matinês de domingo. O entrevistado lembra como era essa dinâmica no *Cinema Variedades*:

No domingo à tarde, além de ir ao cinema pra ver filme, a gente levava gibi pra trocar. Era muita gente que levava revista de tudo que é tipo. Gibi, revista de faroeste, livros. Levavam pra trocar antes da entrada no cinema. Então era um acontecimento. Tinha gente que nem ia pra ver o filme. Ia só mais pra levar a revista pra trocar. Nem entrava no cinema. Mas a grande maioria levava as revistas e entrava no cinema e ia ver os filmes. [...] É o que mais me marcou, no tempo que eu fiquei aí quando a gente ia bastante ao cinema. Essa é a memória mais marcante.

Além do momento das trocas de gibis, segundo ele, havia por si só um interesse perceptível dos são-borjenses pela sétima arte. De forma a discorrer sobre como a comunidade local se organizava para ir com seus amigos e familiares aos cinemas. Bem como, lembra quais eram os filmes mais aguardados para os respectivos públicos:

A gente ficava combinando durante a semana de levar as coisas para trocar. [...] Domingo à tarde era lotado de gente, porque os filmes que eles botavam era aquele filme mais pra entretenimento de jovens. Eles botavam dois filmes. Às vezes era um Faroeste e um Kung Fu. Essas coisas que as crianças gostavam na época. Gurizada, criança. [...] Teve uma época que eu estudei à noite e a gente matava aula pra ir no cinema, dependendo do filme que tava passando. Eu lembro que no *Municipal*, o último filme que eu assisti foi *A Profecia* (1976). Todo mundo ficava se combinando junto para ir ver os filmes do Teixeira, José Mendes também, tinha muito filme dele. [...] E eu lembro que teve uma época que os filmes do Teixeira faziam muito sucesso lá. A fila era enorme. Aí passava uma única vez o filme em duas sessões. Mas aí não podia assistir duas vezes, né? Tinha que sair. Porque eram os únicos filmes que o *Variedades* não passava em duplicidade com outro era os do Teixeira. [...] Os adultos deixavam pra ir

no sábado, aí era um filme mais adulto [...] Mais era o Presidente. Tinha mais filmes adultos. Aqueles que eram proibidos para menores de 18. Mas mesmo assim, o senhor que cuidava da portaria do Cinema Presidente, depois que começava o filme, bastava dar um dinheiro pra ele ali que a gurizada entrava. [...] Pornô chanchada na época, passava mais no Presidente, mas era um tipo de filme que o pessoal não gostava muito. Eu nunca vi a sala lotada para ver esse tipo de filme.

Em relação ao comércio de alimentícios, lembra que geralmente havia vendas de guloseimas dentro dos cinemas, com exceção do *Cinema Municipal*, o qual ele se recorda de entrar diretamente na sala de exibição. Entretanto, em relação a tal atividade, não percebia o público tão adepto às compras dos produtos:

Dentro do cinema tinha o comércio. Tinha refrigerante, bala, bombom, essas coisas. Assim, em dia de cinema, não era permitido entrar com bebida e comida, pois o próprio cinema tinha seus produtos para venda. Refrigerante, água, bala, chocolate, . Mas eu percebi que o pessoal não comprava muita coisa ali dentro do cinema, porque era bem caro. A economia do Brasil era bem ruim na época. O pessoal tinha pouco recurso para ir no cinema e gastar bastante. O melhor era o do *Presidente*, que era uma senhora que cuidava lá do bar. Tinha até salgadinhos lá. No *Municipal* não tinha nada. Eu entrava e já ia direto para a sala, não tinha nada.

Atualmente, ele reflete sobre a forma como esses espaços contribuíram especialmente para o desenvolvimento dos jovens da época, considerando que o hábito de ir ao cinema representava uma das poucas opções de entretenimento disponíveis na cidade.

Culturalmente, para a cidade, era importante ter os cinemas, porque não tinha outras alternativas de entretenimento. Era o cinema ou o futebol que tinha. O clube daí na época era forte, a Sociedade Esportiva São-borjense. E era o cinema e o futebol que tinha à noite, principalmente, para o pessoal ir. E eu até achava que o pessoal de São Borja era muito cinéfilo para a época, porque em outras cidades do mesmo tamanho de São Borja, os cinemas fecharam bem antes da época que fechou aí. Então, eu considero que São Borjenses eram bem aficionados ao cinema.

Outrossim, compreende que o hábito de ir ao cinema durante a juventude incentivou o interesse pela cultura, direcionando-o para um viés mais intelectual. Vale ressaltar que, atualmente ele atua como professor, trajetória possivelmente influenciada por essa vivência cultural na juventude:

Isso despertou em mim o interesse pela cultura. Apesar de que na época, quando eu estudei, a gente tinha muita influência dos professores, principalmente. Eles nos incentivavam muito a leitura. Eu lembro que eu passava tardes e tardes na Biblioteca Municipal. Mas o cinema também era

importante para isso, porque despertava em nós o gosto pela cultura. Na época era muito importante isso para nós.

Adiante percebe o advento das videolocadoras como um dos principais motivos para o início do fechamento das antigas salas de cinema da cidade. Segundo ele: “Os filmes em lançamento, o pessoal pegava na videolocadora. Isso foi matando o cinema”.

O entrevistado acredita que os jovens de hoje não percebem a relevância que esses espaços possuíam na vida das pessoas da época. Quando ir ao cinema era uma das principais e mais aguardadas atividades da semana. Todavia, possui uma postura esperançosa perante o cenário:

Eu acho que, de repente, se a gente mostrar como é que era, eles vão dar um grau de importância. Mas eles não têm noção de como que era, da importância que tinha para a juventude da época esse fato de ter os cinemas, de ter essa possibilidade do pessoal ir para fazer aquela troca de revistas e gibis ali. Eu já falei para o meu filho, meu filho tem 20 anos, e ele acha muito estranho levar uma sacola de revistas para o cinema para trocar, porque aqui não tem isso. Imagina, hoje eles não deixam nem entrar se você compra uma Coca-Cola que não seja a do cinema.

No decorrer de sua narrativa, compartilha uma das histórias mais curiosas que, segundo ele, permanece viva em sua lembrança até hoje, revelando um episódio singular de suas experiências cinematográficas:

Uma vez, eu lembro que o *Cinema Variedades* estava lotado e era inverno. Estava passando um filme bem violento, e começou uma briga dentro do cinema entre duas pessoas. [...] Dois guris começaram a brigar dentro do cinema. Eu não sei se foi por causa do filme ou alguma namorada, alguma coisa. Sei que foi uma briga generalizada. [...] Teve muito empurra-empurra para sair, o pessoal começou a querer sair, principalmente as gurias, as gurias começaram a querer sair. E eu lembro disso aí, que foi uma coisa que me marcou. A primeira vez que eu vi uma briga dentro do cinema, e isso aconteceu em São Borja, uma briga generalizada dentro do cinema. Eu era guri na época, estava junto com meu primo, a gente só saiu do meio do tumulto ali, ficamos encostados nas paredes, na parede lateral, até se acalmar. [...] Era inverno, a gente tinha medo que alguém tivesse levado arma, porque estava muita gente com pala e coisas assim, mas acho que não deu nada, foi só troca de soco mesmo. Foi no *Variedades*. Eu lembro que esse cinema tinha uma galeria em cima, e aí quando lotava demais, eles separavam, botavam as gurias lá em cima e os guris ali embaixo. Eu lembro que o dono do cinema falou assim para o pessoal, “Pessoal, as gurias lá em cima e os barbados aqui embaixo!”, daí um guri falou, “Mas eu não tenho barba”, eu lembro até hoje, foi muito engraçado. [...] Os soldados do exército nos cinemas também iam muitas vezes só para tumultuar. Daí dava muita briga entre os soldados da cavalaria contra o pessoal da artilharia. Dava muita briguinha.

Encerrando suas recordações, emite uma mensagem que considera importante deixar para todos que irão ler essas histórias. Trata-se de um apelo acerca da importância de preservar a história cultural da cidade, especialmente no que diz respeito aos antigos cinemas de São Borja: “A mensagem que eu deixo é que não se esqueçam. Que mantenham viva a memória do cinema de São Borja. Foi uma fase muito boa, muito legal para quem era jovem naquela época.”

6.5 Entrevista 5

O quinto entrevistado possui 67 anos e saiu de São Borja ainda na adolescência, com 16 para 17 anos. Apesar de mudar-se muito cedo para outra cidade, ele lembra claramente dos antigos cinemas locais:

Eu lembro bem, até porque o cinema em São Borja era praticamente um dos poucos atrativos que se tinha na época em que eu saí de lá, que foi na década de 1970, início da década de 1980 praticamente. A não ser outros atrativos que poderiam surgir temporários, como circos, parques, enfim. Mas o cinema em si era o principal atrativo que nós tínhamos, porque na época não se dispunha de muitas outras coisas que hoje são tão comuns. A gurizada, sequer televisão tinha em casa. Então eu lembro que São Borja tinha quatro cinemas. Veja bem, para uma época em que uma cidade em que a população era 50 mil habitantes, quatro cinemas eram um luxo. [...] Nós estávamos muito bem servidos de cinema, e os filmes, então, super variados.

No decorrer de sua narrativa, segue uma rota delineada por cada uma das quatro salas, com o propósito de reconstituir as singularidades das experiências associadas a cada um dos ambientes. Começa com o *Cinema Municipal*, primeiro cinema fixo de São Borja:

O primeiro cinema que, se não me engano, nós tivemos em São Borja, foi o *Cine Teatro Municipal*. O *Cinema Municipal* ficava na esquina, na General Osório. E eu lembro que o prédio do *Cinema Municipal* pertencia ao Poder Público da cidade, pertencia à prefeitura, tanto que hoje funciona a Câmara de Vereadores no mesmo local. Ele era arrendado. [...] Era um cinema muito bom, muito forte, digamos. E depois sabe-se que o arrendatário do *Municipal* comprou o *Cinema Variedades*, o *Cinema Variedades* ali naquela rua que vem da praça, se não me engano, é Cândido Falcão. No *Cine Teatro Municipal* tinha troca de revistas, tinha o pasteleiro, o baleiro, o pipoqueiro, enfim. Mas ali não era tão intenso quanto naquela rua, na Cândido Falcão, ali, na frente do *Cinema Variedades*. [...] Na época, o trânsito era bem tranquilo, então não tinha problema de muito movimento, mas praticamente a rua ficava fechada para esse tipo de atividade, que era o final e o início das sessões de cinema dos domingos à tarde.

Ao retratar a atmosfera do local, resgata um clima marcado por momentos de descontração, que agora permanecem na memória como nostalgia. Nesse sentido, prossegue contando suas memórias sobre o *Cinema variedades*, descrevendo-o como “um ponto certo em que a gurizada toda ia se encontrar”. Acrescenta ainda: “Muito difícil virem o pessoal do Passo, porque no Passo tinha o *Cinema Vitória*.” Ainda sobre o *Cinema Variedades*, comenta:

O *Cinema Variedades* para mim, foi um dos mais folclóricos que se tinha na minha época, década de 1970. O *Cinema Variedades* era mais popular, vamos dizer assim. [...] E os filmes que se tinha na época, eram aquelas coisas mais populares. Tarzan era um dos filmes, *Sansão e Dalila* (1949), os faroestes, praticamente todos caíam lá. Depois tinha alguns filmes de cunho mais religiosos, *Os Dez Mandamentos* (1956), que abrangia a história, muitos filmes interessantes. Final da década de 1970, chegavam mais filmes como *Romeo e Julieta* (1968), *Love Story* (1970), filmes que hoje ainda temos a oportunidade de ver em alguns streamings que temos disponíveis.

Rememorando tantas situações, vão surgindo memórias sobre aspectos do convívio social entre o público que permitem compreender a forma como se manifestava certa rivalidade entre os passianos e povoeiros³:

O *Cinema Variedades* reunia a gurizada de todos os bairros. Os principais eram o bairro do Tiro, do Paraboi, da Pirahy, alguns do Centro, praticamente iam todos ali. Eu lembro que era muito tranquilo a convivência do pessoal. [...] Eu morava no Tiro. Mas na época, por exemplo, algumas coisas que se queria ir no Passo não dava para ir sozinho, porque nem pensar... Eu não cheguei a conhecer o *Cine Vitória* por dentro, só por fora, porque era difícil. Para ir no *Cine Vitória*, teria que ir com uma turma. E, mesmo sendo uma turma, era briga na certa. Então, acabei não entrando no *Cine Vitória*. Mas tenho conhecimento de tudo o que acontecia, tanto que os mesmos filmes que passavam no *Variedades* passavam no *Cine Vitória*, porque o proprietário era o mesmo.

No *Variedades* havia as famosas matinês de domingo, bem como o cinema noturno. O entrevistado conta que não teve muito convívio com o cinema noturno, mas que, em contrapartida, muito frequentou as matinês de domingo:

O matinê, onde nós nos reuníamos ali, toda a gurizada, depois saía para jogar futebol. [...] Ali nós trocávamos revista e gibi. Ali era o ponto principal em que a gente levava aquela pilha de gibis, assim, no braço, para trocar. A gente ficava o tempo todo com aquilo, assistia ao filme com as revistinhas no braço. Depois, no intervalo ou no final do filme, na frente do cinema, era o ponto de troca. Porque o único entretenimento que nós tínhamos nas horas vagas, durante a semana, era a leitura, ler os gibis. Então era um folclore. O que ficou mais vivo foram realmente as trocas de

³ Nome pelo qual são historicamente chamados os moradores da região central de São Borja.

gibis, e aquela junção da gurizada na frente do cinema aos domingos à tarde. Era praticamente toda a tarde. A gente ia muito cedo para conviver ali, troca de gibis, troca das revistas, eram vários tipos de revistas, Tio Patinhas, Super Homem, *Batman*, Zorro, enfim. A gente ficava munido do que ter para ler durante a semana.

Outras coisas que aconteciam na frente deste cinema eram a venda de pastel, vendedores de bala, chocolate, bolachinha e pipoca. Acrescenta em seu relato a memória da famosa figura de São Borja, João das Balas:

Tinha o João das Balas. Ele era um personagem folclórico que viveu o folclore de São Borja naquela época. Tanto que o homenagearam com a pracinha, no canto da Praça XV. Os guris que podiam comprar, compravam a bala dele. Ele fazia bala puxa. E aqueles que não podiam comprar, ele dava a bala.

Figura 26 – João das Balas posando para fotografia na Praça XV de Novembro



Fonte: Acervo pessoal Cesar Tatsch.

Durante essa época, vivenciou diversas situações curiosas ao frequentar os cinemas, que permanecem vivas em sua memória. Segundo ele, poderia expor muitas delas, já que, como destaca, “foram várias as que ficaram marcadas”:

Uma coisa muito interessante era que quem ia de bicicleta para o cinema não tinha onde deixar. E aí o rapaz da entrada dava um jeito de deixar lá do lado as bicicletas. Aí tinha sempre alguém que pegava as bicicletas e saía rodar pela cidade enquanto estava acontecendo o filme. Aí você

chegava, e em seguida estava chegando de volta alguém na bicicleta para devolver. Ou seja, observa só a ingenuidade e a, digamos assim, a honestidade que predominava para nós. Então, isso aí fica. São registros, são fatos curiosos. Situações folclóricas que ocorriam nos cinemas. E, como eu te disse, no *Cinema Variedades* era o principal, era o que mais acontecia.

Dentre os longas que mais o marcaram durante a época referida, recorda daquela exibição que sempre gerava grande comoção entre a comunidade para presenciar tal projeção:

Os filmes do Teixeira. O Teixeira não tem pinta de galã de cinema de forma alguma. Baixinho, feio, enfim. Mas era impressionante como superlotavam as salas de cinema que passassem um filme do Teixeira. Eu lembro que em qualquer filme dele as filas para entrar dobravam a esquina lá onde é aquele prédio do Correio. A fila dobrava a esquina para entrar no cinema. Faltavam lugares e, às vezes, faziam outra sessão para passar os filmes do Teixeira. [...] Eu acho que talvez por causa da música. A música dele era muito popular em toda essa região da campanha, na região da fronteira. E pela Mary Terezinha, que era muito bonita e tocava muito bem aquela sanfona, aquele acordeon.

Acerca do *Cinema Vitória*, – como já mencionado brevemente no decorrer de seu relato – não fazia parte de sua rotina nem da de seus amigos. Pois, apesar de ser um local bastante conhecido na cidade, havia uma certa divisão entre os frequentadores dos cinemas:

O *Cinema Vitória* era frequentado pelo pessoal especificamente do bairro do Passo. Nem o pessoal do Itacherê ia. O pessoal do Itacherê também ia no centro, ia no *Variedades*. Até porque existia, na época, uma rivalidade muito forte com o pessoal do Passo. Não sei se por fatos históricos ou o quê, porque os princípios históricos de São Borja, a vila de São Borja iniciou, há 300 anos, nas margens do rio, onde era o Passo. E essa rivalidade que existia era muito forte. Depois foi se amenizando. A gurizada do Olavo Bilac, já passou a estudar no Getúlio Vargas, e depois alguns foram para o CESB. Então começou, aos poucos, essa rivalidade a atenuar. Mas lembro que, nas escolas, no caderno, as crianças, quando colocavam a data, colocavam a cidade, “São Borja”, e a data tal. Os passianos colocavam “Passo de São Borja”, e depois, então, a data. Para ver como tinha arraigado aquilo nas raízes...

Dessa maneira, analisando os aspectos das distintas opções cinematográficas que a cidade oferecia, conclui que o cinema na cidade de São Borja era muito acessível para a população, tornando-se parte do cotidiano local e representando um ponto de encontro frequente entre os habitantes.

Era super acessível. Era muito acessível. Hoje, por exemplo, eu vejo o ingresso de um cinema e fico impressionado com o valor. Aqui em Porto

Alegre mesmo, eu moro na Grande Porto Alegre, mais especificamente Viamão, e você vai e já tem junto o combo praticamente, você já sai com um saco de pipoca, um refri. Então praticamente um ingresso não favorece mais alguém para ir no cinema seguidamente. E nessa época, em São Borja, era muito acessível. Nós éramos a gurizada, trabalhávamos em qualquer coisinha, ganhávamos troquinho e qualquer troquinho pagava o cinema. Então era muito interessante, muito acessível. E por isso é que dava movimento, tanto na parte noturna quanto nos matinés do domingo.

Ademais, recorda o processo de declínio das salas de cinema na década de 1980, mencionando como percebeu o encerramento gradual desses espaços. Para isso, faz referência à última das antigas salas cinematográficas, o *Cinema Presidente*.

No final, a década de 1980 já estava bem mais apagada a era dos cinemas, mas ainda persistia alguma coisa. Posso até observar isso lembrando do *Presidente*. O *Cinema Presidente* surgiu depois, ainda na década de 1970, mas os outros eram bem mais antigos. Tanto que o *Cinema Presidente*, na década de 1970 ainda, funcionou até um programa de auditório ali, lembro. Eu estudava no CESB, passava por ali, e aos domingos ou sábados tinha um programa de auditório onde você poderia ir lá e cantar uma música, te apresentar, enfim. Era um apresentador, acho até que ele trabalhava na rádio, na época a rádio era a Rádio Fronteira do Sul, e ele fazia esse programa de auditório no *Cinema Presidente* aos domingos de manhã. Então, tu voltava da missa, já chegava direto no programa do auditório. E ali tinha várias apresentações, tinha coral, tinha alguém que sempre cantava, preparava uma música durante a semana para ir lá se apresentar, enfim. Era bem bacana, bem interessante. E rolava o cinema normalmente durante a semana. Durante a semana, os filmes que passavam lá no *Cine Municipal* passavam no *Presidente*, embora o *Cinema Presidente* fosse de outro proprietário.

Dentre diversos fatores que o entrevistado atrela ao fechamento dos antigos cinemas da cidade, ele discorre sobre o que julga como principais. Sendo eles a falta de segurança que se evidenciou nas cidades da fronteira-oeste do Rio Grande do Sul com o passar dos nos anos, bem como o advento das videolocadoras:

Eu vejo vários fatores que podem ter influenciado. Um deles é a questão da segurança, que, em épocas anteriores, era tudo muito tranquilo. O único medo que a gente sentia era voltar para casa nas ruas que ainda eram escuras depois de ter visto um filme de terror. [...] Depois da década de 1980 para cá, a fronteira-oeste, de uma forma geral, foi sendo tomada conta, a droga foi entrando. E isso começou a tirar o pessoal da rua na parte da noite. Então, também é um dos fatores. O outro é que surgiram muitas outras alternativas que substituíam o cinema. [...] Falando no final, por exemplo, o *Cinema Presidente* fechou em 1989 porque ele não dava mais lucro. Não tinha como o proprietário de uma sala imensa, uma sala com 350 lugares, aparecer 20, 30 pessoas. Não tinha como. O aluguel de filmes era caro, a manutenção do prédio, da sala, das cadeiras, de tudo. E os grandes

investidores no mundo do cinema foram envelhecendo e foram morrendo. Essa que é a verdade. Então, por isso é que aos poucos, os cinemas foram se extinguindo. O *Cinema Presidente*, por exemplo, fechou em 1989, mas ele não chegou a fechar... Eu lembro que... Me parece que funcionou até 1996, se não me engano, com um grupo de voluntários, que era um grupo de, se não me engano, sete, seis, sete, oito voluntários que trabalhavam no cinema. E aí, com ações populares, eles conseguiram comprar os equipamentos e alugar o prédio. Então, eles conseguiram manter o cinema funcionando mais seis anos, digamos, seis, sete anos. Parte do aluguel era pago pela prefeitura e parte do aluguel eles arrecadavam com ações e com o próprio ingresso dos filmes.

Nostalgia é o sentimento que, para ele, melhor representa a sensação de ver os cinemas que fizeram parte de sua juventude sendo fechados. Sentimento que surge de forma intensa ao recordar aqueles espaços que marcaram uma fase significativa de sua vida:

O sentimento quanto ao cinema é de muita nostalgia, obviamente. Porque era um momento em que tu dividia não só o relacionamento interpessoal, relacionamento social e o relacionamento cultural. Porque tu tinha ali um convívio com outras pessoas para o mesmo tema, para o mesmo fim que era aquele filme específico, fosse qual fosse. E o cinema em si, eu estava observando, a última vez que passei por São Borja, foi agora em setembro, ainda foi no início deste mês, eu passei e o *Variedades* ainda conserva o letreiro lá em cima, sabe? Eu observei isso. Eu pensei, puxa, olha só que bacana, que legal, desde aquela época, né?

Hoje ele percebe essas experiências como “folclores que ficaram muito acentuados na vida da época de São Borja”, trazendo a observação de que hoje em dia dificilmente se encontram cinemas de bairro como antigamente e exemplifica isso usando sua atual localidade em Viamão-RS, onde se encontra de modo majoritário salas de cinema situadas dentro de grandes centros comerciais, como em *shopping centers*. Concluindo que “cinema de bairro praticamente não se vê mais em lugar nenhum!”.

Sobre como acha que as novas gerações percebem esses antigos espaços da cidade, apresenta uma postura esperançosa quanto a valorização desses antigos espaços de memória para a atual juventude, todavia destaca a importância do estímulo à curiosidade:

Você está fazendo um trabalho de pesquisa e está lançando um conhecimento para os jovens de hoje. “O que funcionou em tal prédio que tem ali na esquina?”, “O que acontecia ali naquele local na década tal?”, eles não têm conhecimento. Passam por ali e sequer têm ideia do que acontece. Enfim, como eu comentei o caso de um grande personagem da época, o João das Balas, a gurizada vai ali, passa pela pracinha, nem sequer sabe o nome. Mas se alguém contar ou se eles tiverem a

oportunidade de ler ou ouvir em algum local, obviamente que vai absorver aquilo.

Dessa forma, encerra com uma mensagem voltada a quem lerá em outro tempo as histórias que sua memória preservou, reafirmando o valor de recordar e partilhar experiências que marcaram gerações:

Quem tiver a oportunidade de conhecer mais a história, tanto dos cinemas, a história de tantas outras atividades que nós tínhamos em São Borja, a mensagem que eu deixo é: procure saber, seja curioso. Porque a curiosidade e tu querer saber te leva a puxar outras coisas, personagens, momentos, fatos, situações.

7. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As narrativas apresentadas evidenciam fortemente a importância que o cinema exercia na juventude de todos os entrevistados. Embora cada um deles tivessem seus cinemas cativos – aqueles que frequentavam com maior constância e com os quais criaram vínculos afetivos mais profundos – nota-se que, em todos os casos, o cinema desempenhou grande influência social e cultural em suas vidas. Como observa Halbwachs (1990), a memória é coletiva na medida em que se ancora em quadros sociais compartilhados; nos relatos, o cinema aparece precisamente como um desses quadros.

De modo geral, as narrativas apontam a década de 1970 como o auge do cinema em São Borja, período em que a cidade chegou a contar com quatro salas de exibição em funcionamento simultâneo. Esse momento é frequentemente lembrado como uma fase de grande vitalidade cultural, marcada pela intensa frequência do público e pela importância que o cinema assumia como uma das principais formas de entretenimento coletivo na comunidade.

Figura 27 – Fragmento de *Jornal Diário de Notícias* (1975)

ali representados, com a seguinte distribuição: açougues (49), auto-peças (12), automóveis (agências - 5), artesanato (1), atacadistas (2), bares (144), boutiques (6), boites (5), barracas (3), bancas de revistas (6), bazar (1), cinemas (4), calçados (venda-14), churrascarias (16), cigarrarias (14), cereais (comércio -20), bebidas (distribuidores-11), derivados de petróleo (11), distribuidores de frutas (4), eletrodomésticos (6), ferragens (7), farmácias (6), fertilizantes (depósitos -6), hotéis (8), joalherias (5), livraria-papelaria (5), lanchonetes (8), Magazines (2), máquinas e implementos agrícolas (12)

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de São Borja.

Em contrapartida, a década de 1980 é lembrada pelo fechamento da última das antigas salas de cinema ainda em atividade na cidade. Esse período foi marcado por mudanças nos hábitos culturais e nas formas de lazer da população, transformações que ajudam a compreender as possíveis motivações que levaram ao fim desses espaços.

Analisando as narrativas, é possível dizer que o fim dos cinemas não ocorreu devido a uma única causa, mas por conta de uma combinação de fatores: avanços tecnológicos (televisão e vídeolocadora); falta de segurança pública; e mudança nos hábitos sociais. O que se percebe é que nenhum fator aparece isolado, todos eles se relacionam dentro de um processo de enfraquecimento econômico dos cinemas.

Entre as diversas motivações, a que mais se destaca é o avanço tecnológico representado pela ampliação do acesso à televisão, e pela chegada dos videocassetes e das videolocadoras. As narrativas que apontam esses elementos como responsáveis pelo declínio dos cinemas, são fundamentalmente discursos que representam a modernização tecnológica como um fator de desagregação social. O

entrevistado 1 expressa isso ao dizer: “Quando começou a televisão, começou a decair [...] O pessoal já queria ficar em casa, televisão”.

Observa-se uma substituição dos cinemas, símbolo do lazer compartilhado e comunitário, pela televisão, símbolo da vida privada. Como explica Fiorin (1996), essa forma de estruturação do discurso a partir de uma oposição simbólica é uma característica marcante na construção de narrativas, na qual as pessoas pensam e significam o mundo a partir de relações de contrariedade e contradição. O entrevistado 4 lamenta: “Com as videolocadoras, os filmes em lançamento, o pessoal pegava na videolocadora. Isso foi matando o cinema.” Assim, ele não está apenas descrevendo uma queda de público, mas também está construindo uma narrativa de perda baseada na oposição coletivo × individual.

Ademais, outro fator que aparece de forma recorrente nas narrativas é a exibição de filmes pornográficos, mencionada pelos entrevistados 1, 3 e 4 como um dos elementos decisivos no processo de afastamento do público familiar das salas de cinema. Cabe destacar que os entrevistados 1 e 3 possuíam experiência de trabalho no setor cinematográfico local, o que lhes permitiu acompanhar de perto as mudanças nas preferências e nas reações do público ao longo do tempo. Ambos identificaram essa prática como um dos principais motivos para a perda de frequentadores, especialmente das famílias que antes compunham grande parte da audiência. Nos relatos há menções explícitas e repetidas sobre o tema:

- Entrevistado 1: “Pornô, o pessoal não gostava de filme pornô. Os filmes pornográficos tirou muita gente do cinema. Aí começou a bagaceirar a coisa. Aí a bagunça tomou conta [...]”
- Entrevistado 3: “Cinema em São Borja era uma coisa bagaceira. E o Centro Cultural teve todo esse trabalho de tornar o cinema uma coisa de família de novo, em São Borja. Porque realmente a imagem que no final, do Presidente ali, deixou uma imagem muito ruim para o pessoal..”
- Entrevistado 4: “Pornô chanchada na época, passava mais no Presidente, mas era um tipo de filme que o pessoal não gostava muito. Eu nunca vi a sala lotada para ver esse tipo de filme.”

Nesse sentido, conforme relatado na Entrevista 3, observa-se o esforço realizado pelo Centro Cultural – no período em que exerceu a função de cinema na

cidade – em promover iniciativas voltadas ao resgate desse público, com o objetivo de restabelecer o vínculo da comunidade com a experiência coletiva do cinema e de estimular o interesse pelas atividades culturais locais. Essa passagem marca uma tentativa de reconstrução moral e simbólica do cinema em São Borja. O discurso do entrevistado 3 atua como voz de resistência ao investir na tentativa de reapropriação do cinema como espaço de formação cultural. Essa reapropriação é representada pela transição entre o cinema comercial e o cultural, destacando que Centro Cultural não havia fins lucrativos. Do mesmo modo, a fala sobre os equipamentos, a dureza do trabalho e o improviso com os filmes cria um discurso de resistência criativa, da cultura feita “com o que se tem”. Por fim, o entrevistado ainda destaca a dimensão democrática da iniciativa: “Toda cidade se cruzava no cinema. Do pobre ao rico, todo mundo se cruzava”.

Durante o auge das atividades dos antigos cinemas da cidade, os entrevistados recordam muito das sessões lotadas especialmente nas exhibições de filmes protagonizados por Xuxa, Os Trapalhões e Teixeira – figuras marcantes na década de 1980. Esses títulos despertavam grande entusiasmo e mobilização na comunidade, que se organizava para garantir presença nas exhibições. O Entrevistado 4 destaca, inclusive, a forte ligação do público local com o cinema, afirmando considerar os são-borjenses como cinéfilos, justamente pelos são-borjenses terem sustentado os cinemas frequentando-os com frequência durante muitos anos.

O cinema surge nas memórias dos entrevistados como um importante ponto de encontro social, amplamente reconhecido pela comunidade, especialmente entre os jovens da época. Para muitos deles, o momento anterior às sessões era uma oportunidade de convivência e socialização tão significativa quanto a própria exibição dos filmes. Frequentar o cinema fazia parte da rotina cotidiana de diversos jovens, como relembra o Entrevistado 5. Dentre as atividades de sociabilidade que envolviam as idas ao cinema, destacam-se as famosas trocas de gibis, mencionadas de forma espontânea por quase todos os entrevistados – recorrência que reforça a importância dessa prática. Essa característica dos discursos constrói o cinema como símbolo de coesão social, com o passado surgindo como um tempo de sentido e de comunidade, em oposição à fragmentação vivida nos tempos atuais.

Dois narrativas se cruzam no que diz respeito às localizações espaciais dos entrevistados. O Entrevistado 2 era passiano e chegou a frequentar os cinemas do

centro, considerando essa experiência “um verdadeiro luxo”, já que as salas centrais eram estruturalmente mais bem equipadas e ofereciam maior conforto. Em contrapartida, o Entrevistado 5, embora tivesse conhecimento sobre o *Cinema Vitória*, afirma nunca tê-lo conhecido por dentro, mencionando rivalidades e conflitos que, segundo ele, tornava incomum que jovens de outros bairros frequentassem o cinema do passo. Ademais, reforça a ideia de que os cinemas eram referenciais simbólicos de pertencimento territorial. Como argumenta Orlandi (2005), o discurso produz sentidos ao mesmo tempo em que produz sujeitos. Nesse caso, os entrevistados produzem-se como passianos, poveiros ou “frequentadores do centro”, reforçando os contornos de uma territorialidade marcada por distinções sociais e afetivas.

As narrativas dos antigos frequentadores dos cinemas de São Borja revelam um forte teor nostálgico, no qual o período dos cinemas é representado como uma espécie de “época de ouro”. A partir de Halbwachs (2008), pode-se explicar isso em razão de que esses frequentadores falam a partir da velhice, em um presente onde os cinemas não mais existem, dentro de um contexto tecnológico e social totalmente diferente, ou seja, a memória deles é reconstruída hoje com base em quadros sociais que já desapareceram – o que intensifica a nostalgia.

Quando analisamos, por exemplo, as narrativas do entrevistado 1 – um ex projeccionista apaixonado pelo cinema – pôde-se notar grande nostalgia em suas falas. Os trechos da entrevista apresentados exprimem apenas uma parte desse sentimento, é na entonação da voz que se encontra de forma mais eloquente o seu carinho por esse passado. Conforme a entrevista se desenrolava, foi notado que para além do apreço a esse tempo, também restaram muitos ressentimentos. Não com o passado em si – as vivências e experiências – mas com o seu desenrolar, aquilo que sucedeu-se: o fim dos cinemas no município. Em certo momento da entrevista, ao ser indagado sobre o sentimento de ver os cinemas encerrados, ele diz se sentir muito chateado; sua esposa que acompanhava a entrevista complementa dizendo: “até hoje ele é frustrado”.

Boym (2017) argumenta que a nostalgia emerge do mal-estar provocado pela modernização e pela aceleração do tempo social, manifestando-se tanto como nostalgia restaurativa, que busca culpados e atribui às transformações tecnológicas a perda da antiga vida comunitária, quanto como nostalgia reflexiva, marcada pela saudade afetiva e pela consciência de que o passado não retorna. As entrevistas

analisadas oscilam entre essas duas formas de nostalgia: de um lado, atribuem o declínio dos cinemas à chegada da televisão, do videocassete, à violência urbana ou ao “desinteresse dos jovens”, configurando discursos restaurativos; de outro, evidenciam com empolgação as matinês, as trocas de gibis e a sociabilidade juvenil, compondo lembranças reflexivas, carregadas de pertencimento. Assim, a memória dos cinemas funciona tanto como reconstrução cultural do passado quanto como crítica ao presente, articulando perda dos quadros sociais (Halbwachs) e mal-estar da modernização (Boym, 2017).

Nesse sentido, Boym (2017) oferece uma reflexão que dialoga diretamente com as memórias analisadas, ressaltando o caráter temporal da nostalgia:

“[...] nostalgia parece ser a saudade de um lugar, mas é na realidade um anseio por um tempo diferente – o tempo de nossa infância, dos ritmos mais lentos de nossos sonhos. Em um sentido ainda mais amplo, a nostalgia é uma revolta contra a ideia moderna de tempo, o tempo da história e do progresso. Os desejos nostálgicos de transformar a história em uma mitologia individual ou coletiva, de revistar os tempos como espaço, recusando render-se à irreversibilidade do tempo que atormenta a condição humana. Assim, o passado da nostalgia, parafraseando William Faulkner, não é sequer passado. Pode ser apenas um tempo melhor, ou um tempo mais lento – tempo fora do tempo, não sobrecarregado por agendas repletas de compromissos.” (p.154)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A curiosidade pelos espaços de memória e pelos modos como determinados lugares permanecem significativos para diferentes grupos sociais motivou o interesse em compreender como certas marcas do passado continuam presentes no cotidiano urbano. Esse movimento de observar como os vestígios, objetos e práticas atravessam o tempo e permanecem reconhecíveis no presente, possibilita perceber que a cidade se constitui em cenários carregados de múltiplos sentidos. Assim, investigar esses espaços implica analisar como grupos atribuem valores, ressignificam vivências e atualizam lembranças que permanecem no imaginário coletivo.

A análise das entrevistas realizadas no âmbito deste estudo evidencia como as narrativas pessoais dos antigos frequentadores dos cinemas de São Borja operam de modo a mostrar que havia um grande envolvimento da comunidade com tal atividade. E que, além da exibição dos filmes, emergiam dentro dessa atividade outras práticas significativas, como a troca de gibis entre os jovens, as conversas na

porta dos cinemas, as amizades construídas e os namoros que se iniciavam nesses encontros.

Mesmo décadas após o encerramento dos antigos cinemas, os entrevistados ainda se recordam com carinho dessa época, reconhecendo o cinema como um marco em suas trajetórias pessoais e na dinâmica social da cidade. Bem como, os jornais da época, por sua vez, contribuem para ampliar essa compreensão, também funcionando como lugares de memória ao registrar a evolução, o auge e o declínio das salas de exibição. As matérias revelam como os cinemas se organizavam, quais filmes eram exibidos, as transformações ocorridas ao longo dos anos, entre outros.

Dessa forma, tanto as narrativas orais quanto os discursos de jornais atuam de modo a contribuir para reconstrução de parte da memória coletiva dos antigos cinemas de São Borja. Um conjunto de lembranças pessoais e registros históricos que, ao dialogarem entre si, revelam a profundidade social desses espaços na história local. Até o presente momento, não existe em São Borja um local exclusivamente destinado à memória dessa atividade que tanto se fez presente na vida da comunidade por décadas. O que se pode encontrar de vestígios materiais pela cidade são apenas a antiga fachada do *Cinema Variedades* e uma antiga câmera que era utilizada na projeção dos filmes do antigo *Cinema Presidente* que fica exposta no Museu Ergológico de Estância. Ademais, o que restou são recortes de jornais, poucas fotografias, e, de forma alguma menos valioso, as memórias vivas que experienciaram este período.

São as memórias vivas que permitem transmitir adiante as narrativas de experiências de lugares que, nesse caso, já não existem mais com a mesma funcionalidade. No entanto, é importante destacar que, com o passar do tempo, essas lembranças tornam-se cada vez mais difíceis de recuperar por conta do esquecimento e falecimentos desses indivíduos. Essa realidade reforça a necessidade de documentar as memórias dessas pessoas, pois, quando falecerem, levarão consigo uma parte significativa da história local.

Compreende-se que essa pesquisa não possui como finalidade reconstruir a história dos cinemas em toda sua amplitude, considerando que existem poucos documentos disponíveis que permitam esse delineamento preciso. A importância do uso das narrativas dos frequentadores vai muito além de uma busca por exatidão, a sua relevância está naquilo que há de mais sutil – dimensões afetivas, sociais e simbólicas. É diante da iminência da perda dessas vivências pela força do tempo,

que urge a necessidade de resgatar tais narrativas. Onde esse trabalho constitui-se como um passo inicial em direção a um horizonte onde a história de São Borja possa ser narrada por aqueles que a vivenciaram no dia a dia.

A falta de valorização da temática em meio a comunidade não ocorre necessariamente porque os moradores da cidade simplesmente não atribuem importância a ela, mas porque faltam incentivos que estimulem sua valorização e preservação. Já que muitos são-borjenses – em especial as novas gerações – nem sabem que já existiram diversos cinemas nessa pequena cidade fronteiriça, contribuindo de maneira involuntária para o esquecimento coletivo. É essa rica parte da história local que esse trabalho busca reivindicar, dando voz e visibilidade àqueles que viveram a magia do cinema na Terra dos Presidentes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: ABDAL, Alexandre et al (org). Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo. São Paulo: CEBRAP - SESC, 2016, p.8-24. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf. Acesso: 16 de jan.2025.

AUGÉ, Marc. Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Lisboa: Editora 90 Graus, 2005.

BENITES, Sonia; SILVA, Dora. O dialogismo no gênero discursivo notícia. Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 37, n. 4, outubro-dezembro 2015, pp. 347-357. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307443303003>. Acesso em: 11 de nov. 2025.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. História da historiografia, v. 10, n. 23, 2017, p. 153-165. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236/678>. Acesso em: 10 de nov. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 3a Edição, São Paulo. Brasiliense, 2005.

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta (org.). História Oral e Multidisciplinaridade. 1ed. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, p.76-99, 1994. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/4fb68854-d41c-4937-878e-31031e31bee4>. Acesso em: 19 de nov. 2025.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

DELGADO, Lucilia. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: Dossiê História Oral, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/download/62/54>. Acesso em: 24 de nov. 2025.

DELGADO, Lucilia. História Oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FIORIN, José. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Ática, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 1 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 7, n. 21, dez. 2008, pp. 633 a 658. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/rbse/halbwachs_traducao.pdf . Acesso em: 13 de nov. 2015

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral no Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p.31-44. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf> . Acesso em: 24 de nov. 2025.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: ABDAL, Alexandre et al (org). Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo. São Paulo: CEBRAP - SESC, 2016, p.8-24. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf . Acesso: 13 de fev.2025.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

ORLANDI. Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763> . Acesso em: 10 de out. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro., vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080> . Acesso em: 23 de nov.2025.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. In: Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. Mnemosine Vol.6, no2, p. 2-13. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41498> . Acesso: 17 de nov. 2025.

PORTELLI, ALESSANDRO. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879-03.pdf> . Acesso em: 18 de jul. 2025.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Proj. História. São Paulo: 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/11233/8240> . Acesso em: 23 de nov. 2025.

SANTOS, Sônia; ARAÚJO, Osmar. História Oral: vozes, narrativas e textos. Cadernos de História da Educação , n. 6, jan./dez. 2007, p. 191-201. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282> . Acesso em: 20 de fev. 2025.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879-03.pdf>. Acesso em: 18 de jul. 2025.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.